

Recensões e notas bibliográficas

MUSSNER, Franz, *La resurrección de Jesus*, trad. de Gundersindo Bravo (Coleção "Teología y Mundo Actual" — 27), pp. 196, 21x16 cm, ed. Sal Terrae, Santander, 1971.

Nos últimos anos multiplicaram-se os estudos no sentido de reinterpretar a mensagem pascal no horizonte de compreensão do homem atual. Na teologia da Europa do Norte pode chocar-nos o falar tateante e inseguro em torno da ressurreição de Jesus. A mudança da cosmovisão, a visão moderna do homem e da história, o método histórico-crítico na interpretação da Sagrada Escritura, a superação da metafísica ontológica dos gregos na teologia sistemática trouxeram novos problemas para falar hoje da ressurreição dos mortos. Esse questionamento tange ao próprio cerne da fé cristã, pois, "se Cristo não ressuscitou, é vã nossa fé". Se a ressurreição entre nós ainda carece de tal atualidade isso pode significar um questionamento à nossa pregação e à nossa catequese por ainda não se centrar bastante na mensagem pascal da morte e ressurreição.

A compreensão da ressurreição dos mortos, sobretudo da ressurreição de Jesus, outrora já era problemática. Quando Paulo, p. ex., falou aos filósofos e homens de negócios de Atenas sobre a ressurreição dos mortos, alguns começaram a zombar e outros se retiraram dizendo que o ouviriam outro dia a esse respeito. Hoje os teólogos mais sérios em si não duvidam da presença do Senhor vivo em nosso meio, mas perguntam: Que sentido tem a profissão de fé na ressurreição? Diante das muitas tentativas atuais: Que de tudo isso é válido?

Mussner, professor de exegese do Novo Testamento em Regensburg (Alemanha), apresenta três tentativas atuais de interpretar de um modo novo a mensagem pascal (pp. 9-26): W. Marxen, H. R. Schlette e H. Ebert. W. Marxen, exegeta protestante, afirma que depois da morte de Jesus pessoas fizeram uma experiência (histórica) de "ver" Jesus. Refletindo sobre essa experiência de ver, interpretaram-na como ressurreição. Marxen pen-

sa que essa não é a única forma de explicar aquela vivência de ver. O conteúdo fundamental dessa interpretação apenas seria: Jesus continua vivo. H. R. Schlette, pensador católico, assume as grandes linhas da tese de Marxen. O dado histórico: quando os discípulos conversavam, se sentavam à mesa para comer, criam que Jesus estava entre eles. H. Ebert avança mais; perguntando: "Que significa para nós hoje 'ressuscitar'?" Adere à idéia de que ignoramos qual foi o acontecimento histórico que deu impulso aos discípulos para falar de aparições.

Mussner procura responder a essas e outras perguntas. Amplia o horizonte, estudando o querigma do javista (pp. 27-31), onde a bênção significa a promessa da superação da morte, da vida no futuro. Só relativamente tarde no AT aparece a esperança na ressurreição, a idéia da libertação da morte (pp. 32-37). É uma esperança deduzida da verdade fundamental, ou seja, da convicção de Israel no poder absoluto de Javé sobre todo o ser: sobre vida, morte, ser e não-ser (pp. 39-46). Mussner coloca o problema da ressurreição dos mortos e da "causa de Jesus" (Marxen) no contexto paulino (pp. 47-56), baseando-se, sobretudo, em 1 Cor 15, 3-5 (pp. 57-74), encontrando dados convincentes para discordar de Marxen. Situa a compreensão da mensagem pascal não só no contexto bíblico, mas também nas correntes atuais da filosofia de Ernst Bloch, filósofo marxista, sobre a morte e o "princípio da esperança" (pp. 83-94); se defronta com a cosmovisão evolutiva de Teilhard de Chardin (pp. 158-162), com a idéia da "mundaneidade" do mundo de M. Heidegger (pp. 163-168) com a futurologia e com a teologia política (pp. 172-176).

Neste estudo de Mussner a ressurreição de Jesus é interpretada como obra de Deus na história, começo da vida nova, que abarca o

homem na dimensão espiritual e material, pois Deus ressuscitou o homem Jesus todo. O ressuscitado, como aquele que já está definitivamente na dimensão de Deus, relaciona-se conosco e com toda a criação. A ressurreição é autorevelação da glória e da fidelidade de Deus.

Mussner tem, sem dúvida alguma, o mérito de, em seu estudo sério e equilibrado, ter inserido a mensagem pascal no contexto am-

plô da história da salvação. Mas, certamente não corresponderia à intenção do autor considerar sua obra como ponto final na discussão em torno do problema da ressurreição de Jesus. Muitos problemas comecem onde o autor termina. O livro serve como orientação válida para prosseguir no estudo da mensagem pascal.

U. Zilles

MALONEY, George A., *El Cristo Cósmico* (De San Pablo a Teilhard), trad. de Juan Estruch (Coleção Teología y Mundo Actual — 13), pp. 364, 21x16 cm, ed. Sal Terrae, Santander, 1969.

Hoje se tornou difícil falar de maneira fidedigna de Cristo. Que sentido tem para a nova geração o Cristo que tradicionalmente se lhes apresenta nas aulas de religião e nos sermões dominicais? Que significa Cristo para quem está absorto na construção de um mundo novo e apaixonante? Como podem encontrar os homens de hoje a Cristo como fonte de toda a vida neste mundo complexo e em constante mudança? Deve o cristão situar-se fora desse mundo ou acomodar-se ao secularismo integral? Muitos cristãos hoje se perguntam: "Não estaremos desconfiando de Deus e fazendo dele uma caricatura, se pensamos que nossas buliçosas cidades, nossas 'pólis' não o interessam? Acaso os milhões de cidadãos estão destinados por sua criação a partilhar de sua vida como estavam os seres humanos de uma sociedade mais bucólica que lhe serviam num contexto social e cultural distinto de hoje?" (pp. 17-18).

Dentro deste horizonte, Maloney se propõe apresentar uma visão de Cristo em seu relacionamento com o mundo. Cristo não deve ser separado da realidade material. É mais que o cume das realidades cósmicas. É a meta para a qual o cosmos converge. Pelo elemento material de sua carne humana, Jesus Cristo se inseriu em nossas vidas e em nosso cosmos. Com sua pessoa, o

sacro e o profano se interpenetram.

Primeiro o autor procura bases bíblicas nos escritos paulinos, joaninos e na patrística. Examina "as dimensões cósmicas da salvação, em S. Paulo" (pp. 21-43). Paulo precisa a relação de Cristo não só com os seres humanos individuais, mas também com todo o cosmos. Na carta aos Colossenses (1, 15-20) Cristo aparece em sua função cósmica como a cabeça que leva o universo à sua plenitude. Na carta aos Efésios, Cristo é a cabeça mística da Igreja com três dimensões cósmicas: a recapitulação de todas as coisas, o pléroma e a parusia. Nessas duas cartas de Paulo, a redenção e a glorificação do homem estão intrinsecamente ligadas a do mundo como ser global. Toda a ordem criada se re-unirá na glorificação do corpo de Cristo.

No segundo capítulo desenvolve "a teologia mística de S. Paulo" (pp. 45-68). Estuda a contribuição de Paulo para a doutrina do crescimento dinâmico da alma individual, da Igreja e a recapitulação de todas as coisas em Cristo. Cristo, inserido no mundo através dos membros de seu corpo, devolverá todo o universo transfigurado na nova Jerusalém, tendo o homem no centro, ao Pai celestial.

No terceiro capítulo o autor apresenta a doutrina sobre "o Logos cósmico de S. João" (pp. 69-92).

Para João, a pessoa histórica de Jesus é a mesma pessoa que vive em nós e que se nos revela como Logos (Palavra de Deus) dentro de nós e no universo. Revela-se como luz e vida para o mundo. O autor examina três conceitos joaninos fundamentais: Jesus Cristo como Logos, como luz e como vida. A humanidade unir-se-á ao Logos que é luz e vida para os homens e para o universo.

No quarto capítulo o autor estuda a contribuição da "cristologia cósmica dos padres gregos pré-nicenos" (pp. 93-131) para o desenvolvimento teológico de uma cristologia cósmica. Ireneu desenvolve dois conceitos paulinos: a recapitulação crística e o homem como imagem de Deus. Explica a finalidade da encarnação dizendo: "Deus se fez homem a fim de que o homem pudesse fazer-se Deus". Essa idéia depois é retomada sobretudo por Orígenes e Atanásio e outros padres. Na recapitulação final haverá o novo céu e a nova terra em que o homem permanecerá para sempre em constante diálogo com Deus. Clemente de Alexandria vê a unidade de toda a história centrada no Logos. Segundo Orígenes, tudo está na dinâmica para Cristo, pois tudo começa e termina em Cristo. Atanásio sublinha a presença e a atividade de Cristo imerso no cosmos, mas atuando mediante sua vida divina imanente aos seres humanos para restaurá-los na filiação divina, à qual foram destinados desde a criação. Preocupa-se menos com a criação infra-humana.

No capítulo V o autor esboça a "cristologia cósmica dos padres gregos pós-nicenos" (pp. 133-168). Chega à conclusão de que os padres gregos opuseram o natural e o não-natural em vez da antítese ocidental natureza e sobrenatureza. Consideravam a natureza em sua dinâmica para o acabamento convergente para Cristo.

Depois de vista a cristologia cósmica nos grandes padres gregos dos primeiros séculos, no capítulo VI, Maloney passa à "cristologia cósmica de Teilhard de Chardin" (pp. 169-204). De maneira análoga aos

padres gregos, mas numa cosmovisão evolutiva, Teilhard mostra a função cósmica de Cristo. Tentou superar o cisma entre fé e ciência, enfocando a cristologia na perspectiva da evolução cósmica, no cosmos material em movimento para uma maior espiritualização. Neste movimento evolutivo o homem é centro de personalização, capaz de comunicação com o outro no amor. Através do homem todo o universo converge para o ponto Ômega. Pela encarnação Cristo se inseriu em nosso universo material e se tornou centro cósmico para conduzir a todos os seres ao destino em torno do ponto Ômega, num processo de amorização. Jesus Cristo é o acabamento do homem e da criação. No fim Cristo será tudo em tudo.

O último capítulo trata do "Logos na cidade secular" (pp. 205-232). Sem dúvida, este capítulo constitui um ponto alto do livro. O autor afirma que a teologia cristã está em crise não por causa de suas doutrinas perenes, mas sobretudo porque as formas de representar o fundamental do cristianismo hoje carece de sentido para o homem urbano. Neste capítulo o autor fala da comunicação divina através da matéria, do cristianismo anônimo, da desmitologização dos evangelhos, do homem como cooperador de Deus, da Igreja sagrada e anônima, do fim do homem, da divinização e da escatologia, da morte como encontro com o Cristo cósmico e da parusia.

O livro encerra com um apêndice de valiosos textos dos padres gregos (pp. 233-251).

Lendo o livro de Maloney, percebe-se que o falar tradicional de Cristo está orientado mui unilateralmente no pensamento helenístico a-histórico ou essencialista, faltando-lhe a dimensão histórica concreta. O cristianismo professa que determinado homem histórico é o Cristo. No entanto, a profissão da fé cristã não se restringe a uma particularidade, mas inclui todo o cosmos e toda a história. Cristo é um "concreto universal", razão e meta de toda a esperança da humanidade, o sentido último da his-

tória. Por um lado, o falar tradicional perdeu a perspectiva global da Escritura e da tradição mais antiga em sua dimensão histórico-dinâmica, antropológico-soteriológica. Por outro, a cristologia costumeira não é bastante atual. Apresentam-se verdades eternas sem relacioná-las diretamente com os problemas atuais do homem, com seu universo. O acontecimento Jesus Cristo qualifica o cosmos e a história da humanidade de manei-

ra radicalmente nova. Na cristologia trata-se, pois, da história de um homem concreto, não do homem "em geral"; da esperança de toda humanidade e do cosmos e da história de Deus com os homens não só de ontem, mas também de hoje e de amanhã. Esta obra de Maloney abre boas perspectivas neste sentido. É uma obra séria, serena e atual.

U. Zilles

MESTERS, C.: Palavra de Deus na história dos homens,
2.º volume, pp. 206, 16x11 cm, Editôra VOZES, Petrópolis,
1971.

"A nossa história, a minha, a sua, pode tornar-se para nós a **história da nossa salvação** (grifado pelo autor), se soubermos descobrir, como eles (Abraão e seu povo) esse **Alguém muito amigo que caminha conosco** (grifado por mim)" (p. 14). É uma realidade profunda de nossa existência o fato de jamais uma pessoa e um povo, na história cotidiana de suas vidas, estarem a sós. Há sempre um amigo que os acompanha e os convida para um encontro mais pleno e responsável: Deus. Descobrir, entretanto, a Deus na própria história "é muito difícil, pois de há muito perdemos o contato com Ele, nosso Pai" (p. 15). Por outro lado, só esta descoberta, que é um dom, nos poderá levar a uma maior plenitude de união de vida com Deus. Mesters, neste seu segundo volume sobre a **Palavra de Deus na história dos homens**, continua a ajudar ao leitor a descobrir a este Amigo na sua própria vida diária, assim como o fez o povo eleito.

A simplicidade e concreticidade familiar, com que o autor aborda as mais diversas realidades da vida e da Bíblia, tornam a leitura fácil e amena. O que não impede o tratamento sério e profundo dos temas e mesmo a transmissão de princípios exegéticos.

O autor aborda os seguintes temas: o encontro com Deus através da história individual e dos povos

(capítulo 1.º), através das experiências diárias e da sabedoria popular (cap. 2.º e 3.º). Se encontramos a Deus na sabedoria popular de nosso povo, "a voz do povo é a voz de Deus", que significado tem para nós a comunicação de Deus ao povo eleito, que denominamos de revelação? O autor responde bem a esta dificuldade nos próprios capítulos 2.º e 3.º. O que podemos aprender da sabedoria deste povo para a atual crise dos ministérios? As sugestivas reflexões do autor fazem pensar (cap. 4.º). A história da salvação é história e por isto mesmo jamais a encontraremos em seu termo aqui na terra, encontrá-la-emos também lá onde menos o esperamos (cap. 5.º e 6.º). Um dos grandes problemas atuais, como o foi através de toda história humana e também bíblica, é o da libertação. O autor focaliza o assunto em **Sansão: santo ou bandido? Um problema que sempre volta** (cap. 5.º); **Davi e Golias. Consciência e poder** (cap. 6.º) e em **Jesus e o povo. Qual foi a libertação que Ele trouxe para o povo de seu tempo?** (cap. 8.º). Como abordar pastoralmente as pessoas, o autor no-lo mostra em **Jesus e a Samaritana** (cap. 7.º) e em **São Paulo em Atenas**. No último capítulo Mesters leva o leitor a relacionar, com real proveito, a própria vida e a Bíblia.

É importantíssimo e urgente levar os cristãos e os homens à cons-

ciência de que no dia a dia da vida humana pode-se viver um real encontro com Deus e que a história da salvação não se realiza ao lado mas na história humana. Mas não menos importante, e de um modo especial nos dias de hoje, é levar os cristãos a descobrir sempre mais o cerne de toda esta história humana e de salvação e fazer-lhes ver o significado profundo de um encontro consciente e explícito por Cristo com o Pai, pelo que a Bíblia denomina de FÉ. Neste sentido estranhámos, no precioso livro de Mesters, a ausência de um capítulo que ajudasse ao leitor a penetrar mais no que o autor denomina de

“dimensão divina do humano” (p. 201): “A Bíblia não pode dar Deus a ninguém. Nem é possível que possua tal força. Deus mesmo se dá como e quando Ele o quiser. A Bíblia apenas descreve fatos, situações, experiências, esforços, ideais, verdades e valores que para outros foram a porta para um encontro com Deus. Ela assim sensibiliza e desperta para uma dimensão da vida que é muito real, embora não seja uma dimensão visível e verificável empiricamente, estatisticamente. É a dimensão divina do humano” (p. 201).

P. Claudio Luiz Bins

BASSETT, WILLIAM W. e outros — El matrimonio ¿es indisoluble? Estudio Ecueménico e Interdisciplinar patrocinado por la Sociedad de Derecho Canónico de América (Col. “Teología y Mundo Actual” — 26), pp. 220, 21x16 cm, Editorial “Sal Terrae”, Santander, 1971.

Com motivo da reforma do Direito canónico, e como contribuição positiva para os seus trabalhos preliminares, a “Canon Law Society of America” realizou, de 15 a 18 de outubro de 1967, um simpósio, destinado a examinar todas as questões relacionadas com a indissolubilidade do vínculo matrimonial. Teólogos, exegetas, juristas civis e canónicos, historiadores, sociólogos, psicólogos e pastoralistas procuraram debater os dados da tradição e confrontá-los com os novos achados das modernas ciências do comportamento. O resultado é este volume, que agora aparece em tradução espanhola, no qual estão recolhidas não só as palestras, mas também, de um modo esquemático, as discussões que se seguiram às exposições dos diversos temas. Como não podia ser menos, o estudo parte da base escriturística: o que nos diz a exegese moderna sobre o divórcio e o ulterior casamento no Novo Testamento? Depois, num trabalho de tipo histórico, procura examinar-se a legislação dos Imperadores bizantinos, considerada como um testemunho da tradição cristã dos primeiros séculos. Um ortodoxo aporta algumas conside-

rações sobre a tradição teológica do Oriente, difícil de compreender para a nossa mentalidade latina. O estudo central (que ocupa 48 páginas) está dedicado a expor e discutir a consideração do matrimônio como contrato, tal como prevaleceu no moderno Direito canónico, e os princípios fundamentais do sistema judiciário que daí se derivam. O ponto de vista da Filosofia jurídica está refletido num trabalho sobre a indissolubilidade do matrimônio cristão e o bem comum, conceito este que, às vezes, parece chocar-se com o respeito do indivíduo, tão propugnado pela mentalidade contemporânea. A psicologia e a sociologia também contribuem para um aprofundamento do problema da indissolubilidade do vínculo matrimonial. No campo psicológico são focalizadas sobretudo as sociopatias, enquanto que no campo sociológico fala-se-nos dos fatos, ficções, problemas, perspectivas e relações institucionais que caracterizam a família dos anos 60. Finalmente, em três breves páginas, recolhem-se os pontos de coincidência dos participantes do simpósio.

Como toda obra de colaboração, **El matrimonio ¿es indisoluble?** apresenta pontos altos e baixos. O estudo de Bassett, sobre a relação entre contrato e sacramento é, ao meu modo de ver, o mais bem sucedido e que maiores interrogações apresenta para a teologia sacramentária. Pelo contrário, Noonan, ao estudar a legislação bizantino-cristã, dá a impressão de estar querendo provar uma tese preconcebida. Esquece, por isso, fatos tão importantes como o pluralismo da sociedade romana imediatamente posterior a Constantino, o desenvolvimento gradual da doutrina cristã sobre o matrimônio e a impossibilidade de tirarmos conclusões evidentes (como é frequentemente qualifica as suas) de dados apenas fragmentários. Por sua vez, o estudo das sociopatias é muito interessante e desperta a curiosidade para um maior aprofundamento. Mas o sociólogo Sussmann dá a impressão de querer extrapolar os dados estatísticos para o campo do normativo. Afirmar,

aliás, como é afirma, que não temos dados suficientes para comparar os fracassos matrimoniais de sociedades mais rígidas com os da atual sociedade permissiva americana, mas defender depois que a introdução de novas causas de divórcio não parece aumentar o número de rompimentos familiares é, pelo menos, ilógico. As conclusões do simpósio, como não podia deixar de ser, limitam-se a marcar 12 pontos cujo estudo merece um maior aprofundamento por parte de todas as comunidades cristãs. Finalmente, enunciam-se três princípios relativos à tramitação atual das causas matrimoniais perante os tribunais eclesiásticos.

A obra é, pois, altamente interessante para teólogos e canonistas. Lida com a natural reserva que conclusões provisórias impõem, pode constituir a base de estudos ulteriores sobre um problema que preocupa hoje aos estudiosos de todas as confissões cristãs.

J. Hortal, S. J.

KLOPPENBURG, FREI BOAVENTURA, O. F. M., A Eclesiologia do Vaticano II, pp. 291, 23x16 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1971.

A frase de Dibelius, qualificando o século XX como o século da Igreja, encontrou a sua confirmação no Concílio Vaticano II, essencialmente eclesiológico. Passaram-se já seis anos desde o encerramento daquela grande assembléia e uma torrente de literatura pós-conciliar continuou a aprofundar o grande tema dos documentos então elaborados: a Igreja. Na maior parte dos casos, porém, trata-se de comentários quase que exegéticos da *Lumen Gentium*. Alguma tentativa de maior fôlego, como *A Igreja*, de Hans Küng, ressent-se do defeito contrário: não dar atenção suficiente à doutrina conciliar. Por isso, é para se alegrar com o aparecimento deste novo livro do conhecido teólogo brasileiro Frei Boaventura. Ninguém, no Brasil, estava mais credenciado para um empreendimento desta natureza. Perito

nas comissões teológicas pré-conciliares e conciliares, conserva um arquivo particular riquíssimo de documentos, ainda inéditos para o grande público. Tendo seguido dia a dia as discussões na aula conciliar, pode apresentar pontos de vista próprios e justificar interpretações na base das declarações dos Padres do Vaticano II.

Após uma introdução e um breve capítulo sobre o contexto histórico da atual situação da Igreja, o autor focaliza alguns temas que lhe pareceram mais importantes: natureza da Igreja, representação, missão, unidade, primado, episcopado, presbiterato, vida religiosa, leigos e comunhão eclesial depois da morte. Termina com um pequeno apêndice de abertura para o ecumenismo. Destaca-se, por sua magnitude e importância, o estudo sobre a natureza da Igreja, funda-

mental para qualquer aprofundamento posterior. Também merecem destaque, por causa da sua originalidade e pelas perspectivas que abrem para o futuro, os capítulos sobre a Igreja à luz da representação e sobre a nova figura do Bispo. O método seguido é, em geral, o da sistematização dos ensinamentos dispersos nos diversos documentos conciliares. Por isso, Frei Boaventura, acumula incessantemente citações déles e dos discursos pronunciados durante a sua elaboração. Pelo contrário, quase que prescinde de citações dos autores que escreveram antes que éle. Isso tem a vantagem de interpretar a *Lumen Gentium* à luz do próprio Concílio, mas, em contra-partida, pode limitar os horizontes e dar uma visão unilateral de alguns problemas. Tomemos, por exemplo, o caso do axioma "extra ecclesiam nulla salus". De acôrdo com que o Concílio deu um passo à frente neste ponto, valorizando positivamente até as religiões pagãs, mas me parece que não se pode falar de uma contradição tão clara entre o Vaticano II e o sentido intencionado por São Cipriano ou por Santo Agostinho (outra coisa são as declarações de Bonifácio VIII ou do Concílio de Florença). Veja-se a este respeito o estudo de Ratzinger, publicado em *O Mistério da Igreja* (Ternas Conciliares I, pp. 57-67), e se compreenderá o que quero dizer.

A *Eclesiologia do Vaticano II* é, em grande parte, uma reprodução de artigos já anteriormente publicados, sobretudo na REB. Tenho que confessar que teria gostado mais de uma obra nova, re-escrita

à luz dos mais recentes desenvolvimentos da Teologia. Assim, por exemplo, ao lado do estudo sobre o Sinodo dos Bispos, baseado apenas no Motu Próprio *Apostolica Sollicitudo* e nas discussões que o precederam, teria gostado de ver uma avaliação da experiência concreta dessa instituição e, sobretudo, das modificações introduzidas como consequência da sessão extraordinária de 1969, com tôda a sua rica problemática acêrca das relações entre o Papa e o Colégio Episcopal. Algo de semelhante poderíamos dizer a respeito do capítulo sobre a missão da Igreja: esgota éle todos os problemas que uma autêntica teologia das realidades terrenas nos apresenta? Evidentemente, não. No tempo, porém, em que foi escrito representou uma grande contribuição para a compreensão eclesial.

O livro, pois, de Frei Kloppenburg apresenta-se-nos como extraordinariamente rico de conteúdo, mas sem atingir a meta final. É verdade que o autor, assoberbado por tantos trabalhos como realiza, não podia, num tempo limitado, reestruturar artigos cuja edição em livro era realmente desejável. Nêles, de fato, encontramos um material de incalculável valor para um estudo ulterior. A minha maior esperança é que o mesmo Frei Boaventura encontre tempo para reelaborar e reestruturar aquilo que já se encontra em germe em *A Eclesiologia do Vaticano II*. Capacidade e conhecimentos não lhe faltam. Poderia éle dar-nos assim o primeiro grande tratado eclesiológico brasileiro.

P. Jesús Hortal, S. J.

FANNON, P.: *La Faz cambiante de la teología*, tradução de H. D. J., (Coleção "Teología y Mundo Actual" — 22), pp. 112, 21,5x15,5 cm, Editorial Sai Terrae, Santander, 1970.

A presente obra é uma reedição corrigida de uma série de artigos publicados pelo autor, em 1967, na revista inglesa *Clergy Review* (cf. p. 7s).

O autor, através dos 12 capítulos de sua exposição, consegue realizar

o que se propôs: apresentar sucinatamente aos leitores "certos conhecimentos das principais linhas de orientação da teologia posconciliar" (p. 7).

Nos dois primeiros capítulos são indicados, em breve síntese, alguns

fatores que promoveram, desde antes do concílio, a **sadia transformação** na Igreja e na teologia católica. Fortmann agrupa-os em: "1.º o diálogo com o mundo (filosofias, ciências e teologia secular); 2.º o diálogo com outras entidades cristãs; 3.º o diálogo dentro da Igreja" (p. 11). No último capítulo, ao fazer um retrospecto sobre a obra, o autor diz muito bem que as contribuições que a teologia recebeu destes fatores não significam "uma acomodação (grifado por mim) às forças seculares, aos enfoques não-católicos, à teologia 'de fronteira' na própria Igreja" (p. 103). A teologia aproveitou estas forças para a própria renovação, para o próprio avanço e para o bem da vida cristã.

De um imenso material de renovação o autor procura apresentar e comentar as perspectivas e renovações, que tiveram "certo grau de aceitação geral no atual debate teológico" (p. 7). Desta forma a obra, de um modo geral, caracteriza-se por seu equilíbrio, por não defender posições extremadas. A renovação teológica, a própria vida cristã são apresentadas em sua dinamicidade e valores vitais.

Nos diversos capítulos os grandes temas da teologia e da vida cristã são abordados de acordo com a ordem dos antigos manuais. Este fato facilita a leitores, formados e instruídos em outros tempos, a se atualizarem a partir de dados que lhe são conhecidos. É mais um fator positivo da obra: apresentar o novo a partir do já conhecido. O que, entretanto, não impede ao autor de, em quase todos os capítulos, apontar as falhas e os defeitos da teologia anterior. Não o faz de maneira exagerada, procura ser justo e razoável.

Os temas focalizados são os seguintes: "A palavra de Deus transmitida na Igreja", "Deus num mundo que alcançou a maioridade", "O homem na natureza e na graça", "A fé como resposta à palavra de Deus", "A Igreja em seu mistério", "A Igreja em sua estrutura", "Cristo, Igreja e Sacramento", "Os sete sacramentos", "As últimas coisas", "Uma nova hermenêutica".

Falta na obra um capítulo dedicado às renovações em cristologia. Os motivos aduzidos pelo autor para não abordá-la não convencem (cf. p. 8).

Uma vez que os capítulos apresentam sucintamente o que de uma forma geral é admitido pela teologia atual, o leitor ficará bem informado da renovação da teologia nos diversos campos (até 1967), e poderá orientar-se como viver a vida cristã, em meio às mudanças e idéias desconcertantes que pululam por aí.

O autor, de um modo geral, foi feliz na maneira de apresentar a renovação da teologia. De modo particular deve ser destacado o capítulo sobre a "fé como resposta à palavra de Deus"; sua sintética e esclarecedora fundamentação bíblica, seu aspecto de encontro com o Deus da aliança, de resposta pessoal, de aceitação e de entrega a Cristo; a fé como princípio de justificação: "a fé estabelece nossa comunidade com o Pai, o Filho e o Espírito Santo" (p. 52); finalmente sua correlação com a vida toda do homem na obediência a Deus. É necessário destacar igualmente os dois capítulos sobre os sacramentos, apresentados em seu sentido profundo como encontro com Cristo, como expressão da realidade pluridimensional da própria Igreja, e vizibilização pública da ação salvífica do Pai. A recepção correta dos sacramentos não é "sacramentalização" mas momento culminante e plenificador da vida cristã.

A brevidade com que são tratados os diversos assuntos levou o autor a indicar, no fim de cada capítulo, breve bibliografia complementar, que orienta o leitor para um ulterior aprofundamento. Deve-se reconhecer como positivo o fato do tradutor ter indicado em espanhol a bibliografia que já existe traduzida para esta língua.

O livro, por seu próprio gênero, sem grandes aprofundamentos e fundamentações é de utilidade para quem desejar uma informação rápida e equilibrada da renovação teológica posconiliar.

P. Claudio Luiz Bins

ROBERT, A. — FEUILLET, A.: **Introdução à Bíblia — Novo Testamento**, vol. III-IV, tradução do Instituto Teológico Pio XI, pp. 356/525, 25x11 cm, Herder, São Paulo, 1968.

Sob os auspícios da Liga de Estudos Bíblicos (LEB), o público de língua portuguesa possui na tradução da "Introduction à la Bible", segunda edição, editada sob a direção de A. Robert (+) e A. Feuillet, colaborando plêiade de renomados exegetas franceses e belgas, obra introdutória que em metodologia nova, com lealdade, profundo conhecimento de causa, leva o leitor à compreensão, estima e amor da Bíblia.

No III volume trata A. Tricot do duplo ambiente, judaico e greco-romano, em que se desenvolveu a história do Novo Testamento e no qual cada livro do texto inspirado teve a sua origem. Examinam C. Bigaré, J. Carmignac, J. Trinquet e A. Michel o meio literário: a literatura judaica não-canônica.

X. Léon-Dufour passa a expor a introdução aos Sinóticos, Mt, Mc e Lc: a composição literária (autoria, historicidade, destinatários, data, lugar, estrutura) e a perspectiva doutrinária. Analisa, a seguir, o fato sinótico ou a questão sinótica tão complexa, insolúvel até agora, sendo insuficientes as explicações para dilucidar a concordância dos discursos dos evangelhos sinóticos. Aborda depois a história das formas ou Formgeschichte: quais foram e como se formaram as pequenas unidades literárias subjacentes aos documentos-fontes utilizados pelos evangelistas, i. é, a pré-história dos evangelhos. Este capítulo, como o seguinte: historicidade dos relatos evangélicos, muito bem elaborados, de importância capital para a mensagem cristã, polarizam a atenção dos estudiosos nos últimos decênios.

Da autoria de L. Cerfaux depara-se-nos a introdução ao livro dos Atos dos Apóstolos, refundindo e atualizando o que escrevera em 1953, na Bíblia de Jerusalém.

O IV volume apresenta-nos a introdução ao corpus paulino. São de J. Cambier: Vida e obra de Paulo; as epístolas aos Tessalonicenses,

aos Coríntios; a epístola aos Romanos e aos Hebreus. De L. Cerfaux: a epístola aos Gálatas, as do Cativo e as Pastorais. A exposição introdutória: autenticidade (canonicidade), unidade, data e lugar de composição, análise da estrutura, acrescenta-se em geral precioso conspêto das perspectivas doutrinárias ou da teologia da respectiva epístola. Não se descaram bibliografia geral e particular recentes.

J. Cantinat explica as epístolas católicas, com exceção das de João. Três seções: o evangelho, as epístolas de João e o Apocalipse, são consagradas aos escritos joaninos pela pena brilhante de A. Feuillet (evangelho e epístolas) e de M. E. Boismard (Apocalipse).

Num apêndice J. Bonsirven e C. Bigaré dedicam a sua atenção aos apócrifos do Novo Testamento: ágrafos, evangelhos: segundo os Hebreus, dos Egípcios, Proto-evangelho de Tiago, do Pseudo-Mateus, Transitus Mariae, História de José, da Infância, de Nicodemos, fragmentos do evangelho de Pedro; Atos de João, Paulo, Pedro, Tomé, André; epístolas de Paulo, correspondência de Sêneca e Paulo, carta dos apóstolos; Apocalipse de Pedro, de Paulo.

Como conclusão apõem-se alguns temas maiores do Novo Testamento, estudados à luz do Antigo Testamento: Por A. Feuillet "O reino de Deus e a pessoa de Jesus, segundo os evangelhos sinóticos", "Crenças fundamentais e vida da comunidade primitiva, segundo os Atos dos Apóstolos", "A encarnação redentora nos escritos joaninos"; por S. Lyonnet "A soteriologia paulina".

A "Introdução à Bíblia" de Robert-Feuillet, "Novo Testamento" apresenta-nos os estudos bíblicos à luz das últimas conquistas científicas numa linha leal e ortodoxa ao mesmo tempo. O estudo desse excelente manual, senão dos melhores, introduz o leitor no mundo bíblico, na literatura bíblica, na com-

preensão mais viva da mensagem sacra, de forma tal que a leitura dos Textos Sagrados se torne mais fácil e enriqueça a alma dos frutos

da palavra divina. Esse fruto constitui a mais bela recomendação da obra.

Reinaldo Alberto Braun, S. J.

STÖGER, A.: A Epístola de Judas Apóstolo — A Segunda Carta de Pedro Apóstolo, (Coleção Nôvo Testamento), tradução de Frei Valdemar do Amaral O. F. M., comentário e mensagem, 21/1, 21/2, pp. 141, 18x12 cm, Editora VOZES Limitada, Petrópolis, 1971.

Editôra Vozes apresenta ao público mais um volume da Coleção "Nôvo Testamento, comentário e mensagem". Quem tem manuseado os outros volumes da mesma coleção, lerá e meditará com muito agrado e maior proveito também a Epístola de Judas Apóstolo, um dos primeiros documentos polêmicos dos escritos apostólicos (8), que enfrenta os ataques dos gnóticos, não agride, porém, os hereges, que orienta os cristãos e ainda visa salvar as ovelhas desgarradas. Lerá com muito agrado e proveito, porque o estilo claro, fluente, a exegese segura de Alois Stöger, profundo conhecedor dos textos escriturísticos, pois o comentário está entremeadado de alusões às epístolas paulinas, evangelhos, etc. (cf. pp. 17, 18, 19, 22, 23, 24...), nos põem ante os olhos o coração do autor sacro, palpitante de zelo, e nos fazem aceitar a sua mensagem de salvação.

Como se acentua — e com razão — que importa ao cristão de então é sempre seguir a tradição apostólica, tesouro da fé, imbuir-se da tradição viva que a Igreja recebeu. conserva e transmite incólume (cf. pp. 9, 23, 24, 25, 27, 33, 36, 38, 45, 46, 70, 73, 132). Que mensagem para os nossos tempos: "Tradição

criada pelos homens não possui valor algum. Quem ensina algo de nôvo na Igreja, peca contra a verdade, deixa de reconhecer que a revelação divina já está concluída, como também que a fiança da verdade está na tradição fiel e ininterrupta. Nesta confusão de idéias, que pretendem ser tôdas "cristãs", como em certas tentativas que procuram compreender o cristianismo de modo nôvo e moderno, torna-se preciso estabelecer que o fundamento sólido, sobre o qual se deve edificar, é unicamente a fé, a qual foi transmitida de uma vez para sempre; é por ela que deve ser avaliado tudo o que é nôvo" (cf. p. 24)!

Após breve introdução, também em "A segunda carta de Pedro Apóstolo", seguem-se conspêto geral, texto e comentário, anotações.

Mui pouco se trata da autenticidade e outras questões; verdade é que o autor na anotação 3 da Epístola de Judas Apóstolo à p. 53; na anotação 1, p. 137 da segunda Carta de Pedro Apóstolo remete ao comentário de K. H. Schelkle, Die Petrusbriefe und der Judasbrief (Herders Theol. Kommentar zum Neuen Testament XIII/2), Freiburg i. Br. 1961.

Reinaldo Alberto Braun, S. J.

HENRY A. M.: A força do Evangelho, Petrola Jorge, segunda edição (francesa), tradução de José Ismar, pp. XII + 407, 20,5x13,5 cm, Editora Herder, São Paulo, 1970.

As páginas VII-XII temos o índice, 1-3 breve introdução na qual o

autor expõe a finalidade do livro: "...ajudar os cristãos a melhor

compreenderem as orientações atuais da "pastoral missionária" (ver-se-á um pouco mais adiante o que significa esta expressão).

O título faria supor antes que o livro versa sobre assuntos exegéticos; trata, porém, de assuntos pastorais dos nossos tempos e de tal modo, tão claro, atual, lógico, convincente, profundo e teológico, que quem deseja voltar-se hoje ao campo da evangelização, compreender as necessidades do povo de Deus e levá-lo, neste mundo pluralista, a viver autêntico encontro com o Deus Salvador e com os irmãos redimidos, não poderá deixar de ler e meditar estas páginas, repletas de lições válidas de pastoral segura, atual e atuante, imbuída do espírito do Vaticano segundo.

Consagra a primeira parte ao vocabulário dos termos básicos na pastoral: evangelho, evangelizar, evangélico, evangelista; pregação, missão pastoral (frisa a teologia de "missão", como também a clivagem semântica dos respectivos termos já

citados); apóstolo, quérigma e catequese; a segunda parte dedica-se à mensagem (como Deus nos fala, palavra de Deus nos dias atuais), aos destinatários (classificação e vitalidade das grandes religiões, das religiões à Igreja e da Igreja às religiões, critérios de apreciação de cada religião, no meio dos ateus, entre os batizados descrentes, pastoral entre os que não podem receber os sacramentos), aos ministros (ministros em geral, clérigos e leigos, ministério das mulheres, ordenação das mulheres).

O posfácio explana admiravelmente que a Igreja deverá ser hoje Igreja qualificadora do mundo, não sendo proselitista; que em sua missão entabulará diálogo fraterno, não exercendo paternalismo; que divulgará, em sua mensagem, palavra "procurada", não fórmula aprendida de cor. Acresce, para quem se quiser aprofundar no assunto, farta bibliografia pastoral.

Reinaldo Alberto Braun, S. J.

ALBRIGHT, W. F.: Um achado incrível e outros temas arqueológicos bíblicos, tradução de Ernani Valter Ribeiro, prefácio de Emanuel O. Araújo, pp. 77, 20x13 cm, EBRASA Editora de Brasília S. A., 1970.

Este opúsculo apresenta vários aspectos fora do comum: de certo modo é publicação original, porque logo sai em português, sem ter sido publicado no original inglês do autor. O título também é sugestivo, embora não perfeitamente correto, porque só se aplica a uma das três grandes descobertas dos últimos 30 anos no campo bíblico, i. e. aos achados de Qumrân. Em 43 páginas o autor, de fama internacional, nos fala com soberana competência das pesquisas arqueológicas no Oriente Próximo e mais em particular das descobertas sensacionais de Ras Shamra-Ugarit no Norte da Síria, de Quirbet Qumrân perto do Mar Morto na Palestina e de Nag Hamadi-Quenobósquion, ressaltando-lhes a enorme importância para os estudos bíblicos do A. e

N. T. O livrinho tem seu valor acrescido pelos numerosos clichês que ilustram o conteúdo; neste pôsto seja-me lícito advertir que o clichê n.º 4 à p. 26 está invertido.

Ainda alguns reparos: à p. 51, no fim, se diz que Samuel era um **nazarita**; ora este termo parece um tanto ambíguo, pois creio que geralmente se usa **nazireu**. Na p. seguinte se fala em **erros tribais**, expressão que deixará o leitor um tanto perplexo; suponho que no original se fale em "scribal errors", quer dizer de **erros de copista**. . . O livrinho termina com 2 apêndices biográficos e bibliográficos muito úteis, do autor Albright. O que acabo de dizer é um convite à leitura deste opúsculo.

P. J. Balduino Kipper, S. J.

ALFREDO, Lage: *A recusa do ser, a falência do pensamento liberal*", pp. 351, 21x14 cm, Livr. Agir Edit., Rio de Janeiro, 1971.

O autor, Alfredo Lage, é natural do Rio de Janeiro, onde se formou em direito; também estudou na Universidade de Princeton (USA). Lecionou Teoria do Conhecimento e Filosofia da Arte na P.U.C. do Rio. Escreveu vários artigos em jornais e revistas (*Hora Presente*, *Convívium*...) e recentemente publicou seu primeiro livro: "A Revolução da Arte Moderna".

Em "A Recusa do Ser" o autor tenta analisar o fato cultural que ele considera como o mais importante da nossa época, isto é, o fracasso do liberalismo, sob suas duas formas, liberalismo propriamente dito e socialismo. Fracasso do qual decorre, segundo ele, a crise que atravessa nossa sociedade. O liberalismo, nascido da revolução francesa, "desarticulou as verdadeiras bases materiais e sociológicas de uma sociedade viva, composta de 'ordens' hierárquicas, comunidades naturais e corpos intermediários para fazer dos elementos humanos vitalmente inseridos nessas coletividades orgânicas as 'social unit', abstratas das sociedades de massa, agrupadas em formação sem real unidade e sem base funcional concreta, caracterizadas por certos índices numéricos, como gêneros de atividade, nível de consumo, de rendimentos, etc." (p. 311).

O autor, por meio do seu livro, pretende esclarecer e levar a uma "tomada de consciência", "removendo, diz ele, os escombros mentais da fase liberal que rapidamente se aproxima de uma liquidação ignóbel ou catastrófica, quem sabe fatal, para a sorte da chamada civilização ocidental cristã" (p. 21).

O livro divide-se em três partes, em que se desenrola a Recusa do Ser: 1) Utopismo; 2) Progressismo; 3) Massificação.

Na primeira parte trata do "Utopismo como recusa da realidade concreta". Estuda o fato nas suas conseqüências para o humanismo, a ciência, a moral, a história e a arte.

Em seguida, o autor focaliza o "Progressismo" como "recusa do crescimento", utopia aplicada ao desenvolvimento (religião do progresso, o dogma da revolução permanente...).

Por fim, o "Conformismo" como "recusa da responsabilidade cultural e histórica", isto é, a demissão do homem como agente responsável da atividade política e civilizacional. Esse conformismo decorrente, segundo o autor, da massificação operada pelas minorias ativas de tipo progressista e revolucionário, que usam as modernas técnicas de condicionamento da opinião. (cf. p. 83).

Ao trabalho desagregador, operado pelos grupos anônimos, usando a propaganda e o terrorismo revolucionário, para ruir as bases da sociedade ocidental cristã e da Igreja, o autor opõe a criação de grupos de idéias, como o grupo "Permanence" ou o grupo "Itinéraires" em França, ou "Hora Presente" no Brasil (p. 21). Delineando, em seguida, uma perspectiva de ação, ele ressalta duas "urgências" que reclamam a atenção desses grupos. A primeira trata da "formação de uma nova elite que não seja nem inteligência demissionária (...) nem a malta contestatária e terrorista de perversos a quem ela se dispõe a entregar o poder, sua própria alma..." E, segundo, "determinar uma nova posição em política" (p. 21).

Essa obra interessante sob seu ponto de vista, traz muitos elementos para a reflexão. Devemos, porém, lastimar o tom polêmico da obra e sobretudo o caráter superficial e unilateral de certas análises. Apesar desses defeitos, a obra do Sr. LAGE tem um grande interesse para quem deseja conhecer e compreender melhor a linha de pensamento do grupo "Hora Presente".

Freddy Servais, S. J.

INSTITUTO SOCIAL "MORUMBI": Entorpecentes. Estudos sobre tóxicos e toxicomania, pp. 184, 14x21 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1971.

É sobretudo louvável e digno de elogios o esforço do Instituto Social "Morumbi" na compilação de um trabalho sobre o problema da toxicomania e dos entorpecentes. Vem preencher uma lacuna que sempre se fez sentir. É um volume principalmente valioso para os mestres e estudiosos do problema, que agora dispõem de uma fonte preciosa como ponto de partida para um maior aprofundamento na problemática da toxicomania.

Foi sem dúvida um trabalho ingente e árduo a compilação e coordenação da matéria, como se pode constatar pela citação da vasta bibliografia consultada, ao todo oitenta obras das mais variadas origens. E passando os olhos na relação bibliográfica, constatamos pesarosos como somos pobres neste particular, dependendo praticamente de autores estrangeiros para editar um trabalho criterioso como este.

Todavia, embora meritória, a obra não nos parece apropriada para uma difusão generalizada. Não se pode considerá-la essencialmente "popular", mas sim restrita a uma camada superior, interessada do estudo do problema na base da opinião abalizada externada por cientistas e técnicos, nem sempre concordantes em suas conclusões, quando não completamente contraditórios.

Nas mãos de um estudioso, com formação sólida, a obra será de muito proveito. Mas já não se poderá afirmar isto com a mesma convicção no caso de um leitor curioso. Este sem dúvida ficará confuso, constatando, por exemplo, num capítulo "os perigos do uso indiscriminado do LSD", e em seguida noutro tópico "o uso sábio e prudente do LSD", ou então, no capítulo sobre o ópio, vendo a afirmação de que "o álcool é pior" e que "para alguns o ópio até faz bem", e que "o ópio não é um terror".

Além de demasiadamente acadêmica, não se enquadra a obra na "realidade brasileira". Ópio, mescolina, peyoti, cocaína, LSD, assim como a morfina e a heroína, não representam entre nós o grande flagelo. Aqui o problema se resume no álcool, na maconha e nos psicotrópicos, estes conhecidos na gíria como "bolinhas" e "boletas".

Na apreciação do problema da toxicomania, três pontos básicos devem ser postos em foco, com igual intensidade. Esses três pontos são: causa — efeito — consequência. Na obra "Entorpecentes" o efeito tem maior destaque, até com sugestiva casuística, não tendo havido o mesmo realce na exposição da causa e das consequências. Muito mais que a causa e o efeito, merecem sempre destaque maior as maléficas consequências, contra as quais estamos completamente indefesos no plano clínico, por não existirem clínicas de recuperação.

Reconheço o mérito do trabalho do Instituto Social "Morumbi", que veio, como já disse anteriormente, preencher uma lacuna sensível. Mas existe outra lacuna muito maior, que ainda merece ser preenchida. É a edição de uma obra essencialmente popular, adaptada à nossa realidade, em linguagem simples e convincente, sem a externalização de opiniões contraditórias de cientistas, e em que se põe em evidência as verdadeiras causas, os reais efeitos, e sobretudo as desastrosas consequências.

O Instituto Social "Morumbi" deu um passo corajoso com a edição de sua obra "Entorpecentes", que sem dúvida está sendo recebida com satisfação e contentamento por mestres e estudiosos. Partindo desta iniciativa patriótica, seria maravilhoso fosse dado o segundo passo com a edição de outra obra que se destinaria ao grande público e que fosse adaptada realmente à nossa situação.

Há efetivamente falta de uma obra esclarecedora dirigida em particular aos pais e filhos, em linguagem simples, de fácil absorção, dirigida aos que estão completamente "por fora" do assunto, mas nem por isto menos expostos ao perigo, abstendo-se na apresentação da matéria de se preocupar com terminologias acadêmicas, eruditas e técnicas.

Fui motivado em externar esta opinião pelo que foi dito no início do "Prefácio", onde se lê "que há necessidade de um trabalho educativo e informativo de orientação sobre o problema dos tóxicos, e especialmente no que diz respeito aos estudantes de todos os graus, pois o problema é geral e se alastra cada vez mais entre os jovens".

Para o estudante, o estudioso propriamente dito, o trabalho é

excelente. Mas para o jovem em geral, outro trabalho se faz necessário, como outro dirigido aos jovens e adultos em geral. Na apreciação e discussão do problema da toxicomania e dos entorpecentes sempre deve ser levado em conta a quem se visa atingir. Não se tendo este cuidado, uma obra mesmo muito bem intencionada pode tornar-se uma faca de dois gumes.

Esta a minha opinião, externada com a maior sinceridade e com os melhores propósitos, fundamentada no conhecimento adquirido no contato direto com o problema da toxicomania durante trinta anos de serviço ativo na Polícia e no contato direto com os maiores órgãos internacionais ligados ao problema.

Comissário E. W. Bergmann

JEDIN, Hubert: Manual de Historia de la Iglesia. Tomo tercero. De la Iglesia de la Primitiva Edad Media a la Reforma Gregoriana. Por FRIEDRICH KEMPF, HANS-GEORG BECK, EUGEN EWIG, JOSEF ANDREAS JUNG-MANN. Tradução espanhola do original alemão por DANIEL RUIZ BUENO. (Biblioteca Herder, Sección de Historia, volumen 78) pp. 759, 22x14 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1970.

Esta tradução espanhola do terceiro volume de "Handbuch der Kirchengeschichte" sob a orientação de Hubert Jedin, catedrático de História Eclesiástica da Universidade de Bonn, merece todos os elogios que já recebeu o primeiro. Toda a obra (no original alemão já apareceram 5 volumes) é fruto de longos estudos e investigações de acordo com os métodos mais recentes de história.

O livro expõe em forma clara e fidedigna os acontecimentos mais importantes da História da Igreja nos anos de 700 até 1124, sendo dividido em duas partes principais: a Igreja sob a dominação dos leigos, e a Igreja na Reforma Gregoriana. São épocas que marcaram profundamente a Igreja, e que têm neste volume um estudo sério e objetivo, sem esconder o que é de pouca edificação e menos digno, do

período obscuro que precedeu a Reforma Gregoriana.

Considera-se neste livro não apenas o desenrolar dos acontecimentos meramente externos, mas dá-se uma crescente atenção às próprias manifestações internas da Igreja na formação de sua doutrina, culto, pregação e piedade.

A bibliografia é selecionada e presta-se como auxiliar indispensável para quem deseja aprofundar seus estudos de História da Igreja. Os colaboradores são especialistas bem conceituados. Eugen Ewig descreve a época carolínea, e Hans-Georg Beck estuda especialmente a história da Igreja Grega. Josef Andreas Jungmann, grande especialista em assuntos litúrgicos, apresenta seus estudos sobre os sacramentos, culto divino, cura de almas e piedade medieval. Entre os colaboradores sobressai Friedrich

Kempf, catedrático de História Medieval na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Foi ele o revisor deste volume, e é o seu principal colaborador. Friedrich Kempf sabe dar um colorido todo original a seu estudo, principalmente na controvertida história do papado na Idade Média, bem como no aspecto interno da Igreja no período otônico-sálico e na reforma gregoriana. Percebe-se em Kempf um aproveitamento consciencioso e inteligente dos modernos estudos histórico-canônicos da época medieval.

O **Manual de História de la Iglesia**, por sua amplitude (mais de 5

volumes) ultrapassa o formato de um simples manual. No seu gênero é a obra mais aconselhada para os estudantes de História da Igreja que não se contentam com um pequeno manual escolar e que desejam estar ao par de ampla bibliografia e de uma indicação segura em notas ao pé das páginas. O livro é além disso muito útil para professores e também para leigos que procuram uma informação um tanto mais séria nos estudos de História da Igreja. Fazemos votos que este excelente "Manual" tenha, muito em breve, a sua tradução brasileira.

Herbert E. Wetzel

PUENTE, Miguel de la: Carl R. Rogers: De la psychothérapie à l'enseignement, pp. 370, 20x14 cm, Edições EPI s. a., Paris, 1970.

Miguel de la Puente em seu livro **Carl R. Rogers: De la Psychothérapie à l'enseignement** apresenta-nos, na primeira parte (cap. I) a pessoa de C. Rogers, focalizando as principais etapas de sua vida.

Em seguida tenta ver quais as fontes de sua inspiração terapêutica; descreve e propõe a teoria e o método de sua psicoterapia centrada no cliente, onde o diálogo intersubjetivo tem seu lugar de não pouca importância.

Finalmente propõe a aplicação das atitudes e métodos empregados na terapia não diretiva e outros campos das relações sociais e de modo especial no campo da educação e do ensino.

Analisa sua metodologia terapêutica, que, devido ao esforço que o próprio Rogers empregou, durante toda a vida, para encontrar "uma melhor formulação de suas intuições psicoterápicas", resolve intitulá-la "uma nova concepção de psicoterapia". Tenta, como diz o próprio autor, "compreender sua "filosofia da ciência" no contexto de sua psicoterapia".

Seu exame e análise se fixam mais na parte "subjetiva" do cliente do que na parte "objetiva" da matéria com seus resultados concretos num contínuo esforço de

explicação da relação existente entre ambos os dados. O "objetivo" e o "subjetivo" são os dois elementos fundamentais de sua orientação terapêutica.

Miguel de la Puente mostra-nos o esforço de Rogers em realizar seu trabalho de terapeuta, acentuando mais a pessoa com tudo o que ela é, do que o "expert" nesta matéria. Trata-se, nesta relação, de um contato de pessoa a pessoa, de vivência a vivência, de experiência a experiência mais do que duma ciência objetivada e de um comportamento externo, embora esse não seja excluído.

O autor procura mostrar a distinção clara, que Rogers faz, entre "atitudes" do terapeuta e as "técnicas" das quais pode servir-se para o seu trabalho, no processo terapêutico, a partir do qual formulará sua concepção da pessoa humana, e procura levar seu trabalho de ajuda ao outro perante seu comportamento e atitudes.

Em vista disso alguns críticos vêem em Rogers um "empirista". Outros o consideram um subjetivista ou um psicólogo sentimental.

Mas Rogers não é apenas um psicoterapeuta. Ele é também um professor, pois consagrou quase toda sua vida ao ensino.

Face às múltiplas dificuldades, que encontrou na forma do ensino, como era administrado nos estabelecimentos em que lecionou, tenta elaborar sua teoria sobre um ensino centrado sobre o aluno segundo o método da terapia (cap. VI e VII).

A apresentação da vida, embora sucinta, e a obra de C. Rogers por Miguel de la Puente é um trabalho muito positivo.

Embora vejamos não poucas dificuldades na aplicação do método centrado sobre o cliente no campo do ensino propriamente dito, jul-

gamos que há muitos pontos análogos, a que os peritos neste campo devem atender, analisar e aprofundar para uma aplicação sempre maior em benefício dos clientes e dos alunos.

O livro **Carl R. Rogers: De la Psychothérapie à l'enseignement**, de Miguel de la Puente merece ser recomendado a quem se interessa por um trabalho na linha da educação, máxime aos interessados no trabalho de orientação educacional e aconselhamento.

Isidro Sallet

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CLERO: Diretório Catequético Geral. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, pp. 127, 18x13 cm, Editôra Vozes, Petrópolis, 1971.

O "Diretório Catequético" foi organizado de acordo com a determinação do Conc. Vaticano II no decreto "Christus Dominus", n.º 44, por uma comissão de especialistas, que recorreu devidamente aos Episcopados nacionais tanto numa consulta prévia, como no final do processo, ultimado por duas revisões: uma da comissão teológica especial, outra da Congregação para a Doutrina da Fé (p. 5). Destina-se principalmente aos Bispos, às Conferências Episcopais e a todos os que têm responsabilidade no campo catequético (p. 6), e seu fim é "fornecer os princípios teológicos pastorais fundamentais tirados do Magistério eclesiástico e de maneira particular do Vat. II" (p. 5), e ser de "auxílio para a confecção de diretórios catequéticos e de catecismos" (p. 6). Considera obrigatórios alguns pontos: "Todos deverão observar o que se diz da divina revelação, da natureza da catequese, dos critérios para expor a mensagem cristã e de seus elementos principais" (ibid.).

Na I Parte o Diretório considera a "atualidade do problema", pois, sendo o objetivo da Igreja anunciar a fé aos homens de nosso tempo, profundamente convulsionado pelas mudanças sócio-culturais, convém ter presente os traços ca-

racterísticos da situação atual, bem como as conseqüências disso para a Igreja. Reconhece a evolução contínua por que passa o mundo que "sempre menos permite alguém apoiar-se na continuidade cultural, tradicional", e determina "novas questões acerca do sentido e da importância da vida" (p. 10). Estamos numa situação de "pluralismo" também (pp. 10s): "qualquer um pode tomar suas próprias decisões, sem que se torne um estranho para a sociedade ou sem ser julgado por ela". O parágrafo dedicado ao dinamismo da nova época (pp. 11s) exige a "construção da cidade humana" e a necessidade de que o "ministério da Palavra... permita que o Evangelho difunda suas sementes vitais de autêntica liberdade e desenvolvimento". Finalmente a "civilização científica, técnica, industrial e urbana" faz com que a "não poucos Deus aparece como menos presente, menos necessário e menos apto a explicar as questões tanto na vida pessoal como na social" (p. 12). Diante e dentro de um mundo assim, a "fé tradicional" é um grave perigo, principalmente se favorece "os privilégios de certas classes sociais" (p. 13). Já são muitos os batizados que "professam um certo indiferentismo ou quase uma forma de atéis-

mo", sem deixarem freqüentemente de alimentar-se "na prática da superstição e da magia" (p. 14). A fé deve poder exprimir-se em formulações eloqüentes para os homens e as culturas de hoje. E aqui o Diretório cita a célebre passagem de Medellín (Catequese, n.º 4) sôbre a "unidade profunda que existe entre o plano salvífico de Deus... e as aspirações do homem" (p. 16). Todos devem continuar o trabalho profundo de renovação do ministério da palavra na Igreja postulado pelo Concílio Vat. II. Para isto se deve lançar mão dos "recursos que podem ministrar as ciências sagradas... e as ciências humanas, bem como os instrumentos que hoje divulgam as idéias e opiniões, sobretudo os meios de comunicação social" (p. 18).

A II Parte do Diretório: "O Ministério da Palavra", é, diríamos, uma teologia da Palavra, subdividida em dois capítulos. O primeiro apresenta o "ministério da palavra e a revelação". A revelação é um dom de Deus que "em sua bondade... quis revelar-se... para convidar os homens à comunhão consigo" (p. 19, cit. de DV 2). Todos os acontecimentos da história são palavra de Deus, principalmente o acontecimento máximo: Jesus Cristo, "mediador e plenitude de toda a revelação". Por sua vez a Igreja continua a revelar esta Palavra aos homens, no que continua a "dialogar com ela" e a se revelar mediante o Espírito Santo, a fim de que o "povo de Deus, sob a direção do Magistério, alcance uma compreensão mais plena da revelação" (p. 22). Nesta tarefa, a Igreja é "ensinada" pelas sagradas Escrituras "meditando-as assiduamente" (p. 23). A fé é a grande resposta do homem à Palavra de Deus. O segundo capítulo desta Parte trata da Catequese na missão pastoral da Igreja (Natureza, fim e eficácia" da Catequese). Apresenta a tipologia clássica do anúncio da Palavra, ou seja a "evangelização", a "catequese", a "homilia" e a "forma teológica" (investigação sistemática das verdades da fé). "Na concreta realidade pastoral, estas formas se

acham intimamente ligadas" (p. 26).

Destacamos, nesta parte do Diretório, dois aspectos sublinhados de maneira especial: a catequese visando a contínua conversão do homem (pp. 26, 28, 29) e a catequese dos adultos, sendo esta "a principal forma de catequese" (p. 27).

Na III Parte, dedicada às Tarefas da Catequese, o Diretório enumera: a Catequese e a graça da fé, a C. e o cumprimento das obrigações da fé, a C. e o conhecimento da fé, a C. e a vida de oração litúrgica e pessoal, a C. e a iluminação cristã da vida humana, a C. e a unidade cristã, a C. e a missão da Igreja no mundo, a C. e a esperança escatológica, a C. e o progresso na vida da fé.

Em tudo isto é necessário sempre tomar o homem como ele é, ajudando-o a "interpretar cristãmente as coisas humanas, sobretudo os sinais dos tempos" (p. 31; cf. também p. 35). De particular importância na missão evangelizadora da Igreja é o testemunho eclesial.

Na III Parte (pp. 37-68) o Diretório apresenta sucintamente a "mensagem cristã", não pretendendo ser completo, mas insistindo em que toda a matéria deve ser apresentada na Catequese. É uma explicitação do esquema tradicional dos catecismos, partindo do mistério de um só Deus, passando pela obra da redenção realizada em Jesus Cristo e que continua na Igreja, consumando-se na comunhão final com Deus.

A IV Parte é um esboço de "elementos metodológicos" (pp. 69-75). Todas as conquistas da pedagogia religiosa dos nossos tempos são reconhecidos e recomendados, sendo necessário que o catequista se dê a uma preparação profunda do seu trabalho. Nesta parte há várias páginas importantes sôbre a experiência dos catequizandos, sua situação, sua problemática. Se é necessário que o catequizando tenha para sua orientação cristã de vida o conhecimento da verdade objetiva, revelada, modelo e critério de ação, e que, inclusive, chegue a conservar em "fórmulas" essa ver-

dade (p. 71), deve também a Catequese "cuidar de despertar a atenção dos homens para suas experiências mais importantes, tanto pessoais, como sociais", porque essa "experiência pode favorecer a inteligibilidade da mensagem cristã". "A catequese tem de ajudar os homens a penetrarem, interpretarem e julgarem suas experiências... iluminadas pela revelação" (p. 72). Segue-se que a catequese deve estimular a "criatividade", a "ação interna" dos catequizandos (p. 73). Nesta dinâmica é importante fazer os catequizandos formular pessoalmente "como entendem a mensagem cristã". E o Diretório termina: "Então compare-se o sucesso dessa investigação com aquilo que o Magistério eclesiástico ensina. Retenha-se apenas aquilo que concorda com a fé"! Tudo isto leva a estimular a vida de equipe, onde se "investiga em comum" e que constitui "ótima experiência de vida eclesial" (pp. 74s).

A V Parte trata da catequese conforme as idades. É importante a primeira infância, onde "já se desvendam os incícios da vida religiosa e moral" (p. 77). Na idade escolar, a criança "já está apta a participar diretamente na vida da Igreja", é lá que "faz sua primeira experiência do trabalho", por isso a catequese nesta idade "deve suscitar a atividade das crianças" (p. 78s). Imprescindível também é a cooperação entre os catequistas e os pais. Onde as crianças não são escolarizadas "o que acontece em vastas regiões superpovoadas", a ação pastoral se "dirija com empenho para as famílias" (p. 80). Semelhantemente quando as crianças crescem em ambiente familiar onde reina a indiferença religiosa. Em seguida o Diretório analisa os problemas dos adolescentes frente à vida, à sociedade e à Igreja. O principal dever da catequese da adolescência será "derramar a luz da mensagem cristã sobre as realidades que mais impressionam o adolescente, como o significado da existência corporal, o amor e a família, a norma a seguir no decurso

da vida, o trabalho e o tempo livre, a justiça e a paz, etc." (p. 83). Finalmente, o Diretório afirma insistentemente a necessidade da catequese de adultos (p. 86ss), desde a catequese de iniciação, ao estudo mais profundo para os que se dedicam a uma forma de apostolado leigo. Em tôdas as situações de vida a "comunidade cristã deve ministrar com amor fraternal os necessários subsídios" para que o adulto oriente e engaje sua vida para o bem dos homens, e as necessárias mudanças sociais.

A última parte do Diretório é dedicada à "Ação pastoral do ministério da Palavra" (pp. 93-115). "Esta ação exige o estabelecimento, pela Conferência Episcopal, de órgãos competentes em âmbito nacional, que se ocupem com a reflexão, investigação e execução". É necessário, antes de tudo, conhecer a situação em que se encontra a catequese, elaborar programa de ação, ter claras as metas visadas, estudar os meios a empregar e distribuir as responsabilidades. Sem pessoas adequadamente preparadas toda ação pastoral será ineficaz. Esta preparação será teológica, antropológica e pedagógica. Tudo isto é "tarefa de máxima importância" para as autoridades eclesísticas (p. 103), que devem colocar à disposição dos catequistas institutos de formação, diretórios, catecismos, meios audiovisuais. Tudo deverá ser planejado e executado em estruturas diocesanas, regionais, nacionais e internacionais. A serviço desta organização e instrumentação estará a pesquisa sistemática feita por especialistas.

Segue, ao final do livro, (pp. 116-121) um Apêndice sobre a idade da primeira penitência e eucaristia, em que se apresentam experiências quanto a êste problema, principalmente o da admissão à confissão. O Diretório cita o Decreto "Quam Singulari" de Pio X, de 1910 que "reprova absolutamente o costume de não admitir à confissão... os meninos que chegarem ao uso da razão, isto é, pelos sete anos", e diz que a Santa Sé julga oportuno conservar o costume da confissão an-

tes da Primeira Comunhão. Nas regiões em que já se introduziram práticas divergentes, as Conferências Episcopais submetam estas experiências a um novo exame, e dialoguem com a Santa Sé em es-

pírito de comunhão hierárquica. A Santa Sé "atenderá de bom grado" às solicitações das Conferências, se desejarem prolongar por mais tempo as experiências em curso.

Benno Brod

FRIES Heinrich (direção): **Dicionário de Teologia; Conceitos Fundamentais da Teologia Atual**; tradução coordenada por Felix Pastor e J. B. Libânio. Vol. V: Reino de Deus-Virtude, pp. 443, 22x15 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1971.

Quantos se interessam pela Teologia em nosso país vêm se queixando, com razão, da penúria de literatura teológica em língua portuguesa. Nestes últimos tempos, porém, nota-se uma maior animação no campo das traduções.

Hoje temos já completa em português uma obra fundamental no panorama teológico europeu da década passada: o **Handbuch theologischer Grundbegriffe** (1962/63), que teve na edição francesa o título de **Encyclopédie de la Foi**. A publicação do último volume da tradução portuguesa merece uma análise de conjunto dessa obra, a cujos primeiros volumes PERSPECTIVA TEOLÓGICA dedicou já duas Notas Bibliográficas (cf. n.º 3, 1970, 241 e n.º 5, 1971, 357-58).

O caráter da obra não se ajusta ao gênero "Dicionário" ou "Vocabulário", pois elenca apenas 157 vocábulos; nem se trata de um Manual sistemático, pois a matéria, distribuída em múltiplas unidades, ordena-se alfabeticamente. Trata-se de uma coleção de 157 estudos sintéticos, de extensão variável (entre 6 e 40 páginas), sobre outros tantos "Conceitos Fundamentais da Teologia Atual".

Com estas características, o valor da obra dependia fundamentalmente de três fatores: da seleção dos temas, da estrutura metodoló-

gica, e da competência e atualização dos autores.

Quanto aos autores, pode dizer-se que a centena de nomes que subscrevem a obra representam aquela teologia católica que prevaleceu na redação dos documentos conciliares do Vaticano II. O professor Fries reuniu os melhores professores das Faculdades e Institutos Superiores de Teologia dos países de língua alemã. Os autores franceses (Chenu, Congar, Maré, Tresmontant) são exceção. Os nomes de Darlapp, Fries, Geiselman, Küng, Metz, Rahner, Ratzinger, Schmaus, Semmelroth, Vorgrimler... são, sem dúvida, os mais importantes da teologia alemã dos anos 60. Entre os exegetas (Schalbert, Schelkle, Schlette, Schlier, J. Schmid, Trilling...) faltam alguns dos mais conhecidos nomes alemães (Schnackenburg, Haag). Adverte-se, por último, a presença de outros especialistas em matérias afins à teologia, como Filosofia (Lotz), História da Igreja (Jedin), Liturgia (Lengeling), Direito Canônico (Mörsdorf) ou Espiritualidade (F. Wulf).

O esquema metodológico é simples: Cada conceito estuda-se, por via de regra, em três momentos: Sagrada Escritura, Desenvolvimento histórico e Exposição sistemática. A extensão média dos artigos (10-20 páginas) é maior que a do

Lexion für Theologie und Kirche, a **Enciclopedia Cattolica** ou a **New Catholic Encyclopedia**, sem chegar ao extremo do **Dictionnaire de Théologie Catholique**. Em todo caso, a concisão e seriedade de cada estudo exigem uma leitura repou-sada e atenta.

A seleção dos temas — sempre discutível — merece uma análise especial: além do lugar de destaque dado à Sagrada Escritura na maioria dos temas, uns 15 artigos dedicam-se exclusivamente a conceitos bíblicos (“Aliança”, “Cânon”, “Evangelho”, “Inspiração”, “Israel”, etc.). Negligencia-se o aspecto apologético: Apenas um conceito dedicado a “Sinal/Milagre”, em perspectiva bíblica. Porém, dedicam-se mais outros 12 artigos a temas fundamentais para uma Introdução a Teologia e Teologia Fundamental (“Confissão/Profissão da fé”, “Dogma”, “Escritura e Teologia”, “Fé”, “História da Salvação”, “Mito”, “Mistério”, “Palavra”, “Revelação”, “Salvação”, “Teologia” e “Tradição”).

Entre os tratados dogmáticos tradicionais, está sóbriamente representado o “De Deo Uno et Trino”, com três artigos (“Deus”, com 10 páginas notáveis de Alfaro sobre Deus-Pai, “Espírito Santo” e “Trindade”). No “De Deo Creante et Elevante”, hoje chamado significativamente “Antropologia Teológica”, dedica-se mais espaço às realidades terrestres (“Alegria”, “Corporeidade”, “Natureza”, “Mundo”, “Pessoa”, “Sofrimento”, “Sexualidade”, “Trabalho”...) do que às sobrenaturais (“Anjo”, “Graça”, “Justificação”, “Participação”, “Santidade”). O “Mal” ocupa mais páginas que o “Pecado”, e o “Amor” tantas como os dois juntos. “Pecado Original” e “Criação” merecem artigos próprios. A Cristologia é sucinta (“Encarnação”, “Jesus Cristo”, “Ressurreição de Jesus”), com mais atenção aos aspectos

soteriológicos (“Expição”, “Justiça”, “Justificação”, “Mediação”, “Mediador”, “Redenção”, “Representação/Substituição” e “Salvação”). “Maria” mereceu um só artigo e os “Santos (culto de)” outro. A “Igreja” ocupa o artigo mais extenso da obra (43 pp., com a colaboração de 4 autores). Entre os temas eclesiológicos dedica-se especial atenção aos ministérios e vocações dentro da Igreja: “Apóstolo”, “Bispo”, “Leigo”, “Ministério”, “Papa”, “Sacerdócio”, “Seguimento/Imitação de Cristo”. O conceito de “Sacramento” e cada um dos 7 sacramentos têm seu artigo próprio. É bem sabido que o antigo tratado dos “Novíssimos” (hoje, Escatologia ou Teologia da Esperança) está sofrendo uma profunda transformação: além do artigo geral “Escatologia”, no qual o Purgatório, o Céu e o Inferno merecem apenas uma breve epígrafe, dedicam-se artigos especiais à “Esperança”, “Promessa”, “Eternidade”, “Imortalidade”, “Juízo”, e “Retribuição”.

A Moral e a Teologia Espiritual estão bem representadas: “Conversão”, “Concupiscência”, “Coração”, “Consciência”, “Escândalo”, “Lei”, “Liberdade”, “Moralidade”, “Opção”, “Tentação”, “Sexualidade” (Com uma epígrafe sobre Moral sexual); “Ascese”, “Meditação”, “Oração”, “Santidade” e “Virtude”. As principais virtudes também têm artigos próprios: “Amor”, “Esperança”, “Fé”, “Humildade”, “Justiça”, “Paciência”. A teologia da Vida Religiosa teria que ser sintetizada a partir dos conceitos de “Obediência”, “Pobreza”, “Seguimento/Imitação de Cristo”, “Virgindade”, “Monaquismo”.

Talvez o campo teológico mais negligenciado seja o da Teologia Pastoral, com apenas dois artigos específicos: “Pastoral” e “Pregação”. Outros três dedicam-se à Liturgia: “Ano Litúrgico”, “Culto” e

"Liturgia". Choca-nos a ausência de um artigo sobre "Catequese", se bem que exista um, mais geral, sobre "Educação".

Quem acompanha o movimento teológico dos últimos anos desejaria também maior atenção aos aspectos político-econômico-sociais: "Comunidade", "Estado", "Paz", "Poder/Potência", "Prosperidade", "Tolerância". Mais três artigos consagram-se a temas jurídicos: "Direito Canônico", "Direito Natural", "Excomunhão".

Dada a orientação conceitual da obra, não surpreende a inclusão de um elevado número de conceitos predominantemente filosóficos: "Atelismo", "Analogia", "Conhecimento de Deus", "Existência", "Filosofia e Teologia", etc. (Ao todo, uns 17 ou 20 artigos).

O aspecto histórico é também um dos pontos fortes da obra. Não apenas se estudam muitos temas na sua evolução histórica, como também se dedicam 11 artigos a assuntos históricos: "Agostinismo", "Aristotelismo", "Escolástica", "Franciscanos (teologia dos)", "Gnose", "Heresia", "Monaquismo", "Patrística", "Platonismo e Neoplatonismo", "Reforma" e "Tomismo".

Falta um artigo sobre Ecumenismo. Em compensação, estudam-se particularmente a "Igreja Oriental" e o "Protestantismo (do ponto de vista protestante)". E em nenhum artigo descobrimos posições diretamente anti-ecumênicas; não em vão o Professor Fries foi o primeiro professor de Teologia Ecumênica em Münster.

Não se encontrará qualquer artigo referente às Artes ou às Ciências. O critério adotado de reduzir o número de conceitos exigia, sem dúvida, supressões que o especialista lamentará.

O último volume contém uma lista final de abreviaturas, que te-

ria sido melhor colocada no início da obra. Esta relação, procedente do original alemão, não inclui as abreviaturas da bibliografia acrescentada pelos tradutores. De resto, a bibliografia da edição portuguesa, salvo raras exceções, desconhece as obras ou traduções portuguesas. Esse defeito já é habitual em nossas traduções, mas nem por isso podemos aceitá-lo.

Muito útil teria sido também a elaboração de um índice de matérias, como foi feito nas edições alemã e francesa.

É justo destacar a excelente impressão e primorosa apresentação material que as Edições Loyola deram à edição portuguesa. Não nos surpreende que a obra tenha chamado positivamente a atenção na última Feira Internacional do Livro de Frankfurt.

Sinceramente felicitamos a Editora que levou a cabo o empreendimento, e felicitamos sobre tudo àqueles que, entre nós, desejam conhecer a teologia moderna. Aqui encontrarão uma verdadeira "Summa Teológica", sucintamente agrupada em torno de seus temas essenciais. Teremos que esperar a conclusão do Manual de Teologia Dogmática "Mysterium Salutis", cuja tradução portuguesa já foi iniciada, antes da conclusão do original alemão, ou que outra editora corajosa se lance a traduzir o "Sacramentum Mundi", vocabulário teológico do qual se está fazendo agora a tradução espanhola, para termos em português uma obra comparável a este Dicionário com que nos presenteiam as Edições Loyola. Nosso desejo seria que pudessem oferecer-nos, dentro em breve, uma 2.^a edição, recolhendo as modificações da nova edição alemã de 1970, atualizando a bibliografia e incluindo um bom índice de matérias.

Luis González-Quevedo, S. J.

HEIDEGGER, Martin: **Que é isto — a filosofia? Identidade e diferença**, tradução de E. Stein, pp. 104, 21x14 cm, Editôra Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1971.

Este livro de pequena espessura, oferecido aos cultores de filosofia do Brasil, recolhe três conferências de M. Heidegger. A primeira, **QUE É ISTO — A FILOSOFIA?**, foi pronunciada em Cerisy-la-Salle, Normandia, em agosto de 1955, abrindo um colóquio de especialistas; a segunda e a terceira conferências, pronunciadas respectivamente a 27 de junho e a 24 de fevereiro de 1957, o **PRINCÍPIO DE IDENTIDADE** e **A CONSTITUIÇÃO ONTO-TEO-LÓGICA DE METAFÍSICA**, foram reunidas pelo próprio Heidegger no opúsculo denominado **IDENTIDADE E DIFERENÇA**. O íntimo relacionamento dos três temas justifica a publicação de um único livro.

Finalizando a terceira conferência, Heidegger diz: “um seminário é, a palavra já o sugere, um lugar e uma oportunidade de, aqui e ali, semear uma semente de meditação que um dia possa, à sua maneira, pouco importa quando, nascer e frutificar” (p. 101). Efetivamente estas palavras caracterizam sinteticamente, não apenas a última parte da publicação, e sim o livro todo. Mais ainda, parece ser esta a mensagem do grande filósofo europeu para os filósofos do Brasil de hoje, onde — acredito — a única atitude possível é exatamente esta, de semear tendo no coração apenas uma esperança corajosa de frutos futuros.

O pensamento de Martin Heidegger coloca-se como a única alternativa cultural entre um humanismo formal e retórico e um tecnologismo ansioso de tirar as últimas conseqüências das possibilidades do ser arriscando, por diferentes caminhos, castrar a criatividade, sempre nova e audaz, do mistério fecundo do ser. E é justamente à defesa dêste ser que o filósofo se põe, dando uma nova dimensão à cultura humana.

“Que é isto — a filosofia?” nos oferece um exímio ensaio do que seja a autêntica **cultura**, como capacidade, através da linguagem, de penetrar e explicar a tradição que nos gerou e nos gera, continuamente: “que quer que pensemos e qualquer que seja a maneira como procuramos pensar, sempre nos movimentaremos no âmbito da tradição” (p. 68). Todo passo para frente é possível não apenas pelo impulso do dia de ontem, e sim pelo impulso sempre operante do princípio dos dias, assim que o próprio processo dialético de Hegel é possível quando o homem é capaz de operar o “passo de volta” Heideggeriano que nos leva, num regresso pela Tradição, até a região do ser, fundamento do ente, melhor, até ao Nada-do-ente. A partir dêste Nada-do-ente, o homem haure a esperança de alcançar sempre melhores e mais ousadas novidades. Quando o homem esquece o ser, êste útero obscuro e fecundo do ente, para se lembrar somente do ente, êle perde a esperança e cai num determinismo estéril, num futurologismo pobre, num tecnologismo funcionalista, na automatização e na burocratização do mundo bloqueando imprevisíveis possibilidades do ser, i. é, do próprio espírito humano, que é o fundamento do ente concreto.

Essa é a cultura, isso é, a posse da palavra pronunciada na autonomia e liberdade do espírito. “No princípio era a palavra” parece nos dizer Heidegger em seu livro, ponto de comunhão entre o ente e o pensar; palavra que o momento criativo do misterioso “Nada-do-ente”; que é o desabrochar do ser num ente histórico concreto.

Ai está a função da filosofia e respectivamente do filósofo como quem sabe corresponder ao ser do ente, i. é, quem sabe acolher a palavra recém-nascida do ser; como quem vigia contra o esquecimento do fundamento do ente e condena tôda absolutização das históricas concretizações do ser. É um serviço de autenticidade radical, uma defesa do nada-do-ente que, em troca, exige apenas a liberdade de pensar e dizer.

Se é preciso que alguém se ocupe de recolher e utilizar os frutos maduros, é ainda mais necessário que alguém se ocupe de defender a própria planta para que fiquem abertas as novas possibilidades ao futuro. Por isso M. Heidegger aceitou sua vocação cultural e humanitária: seu "passo de volta" aos fundamentos da tradição, seu debruçar-se na linguagem, sua fé nas possibilidades do espírito, constituem um convite ao filósofo do Brasil de hoje para que não aceite que a praxe política, social, religiosa, cultural sejam apenas decorrências da lógica de princípios formulados, mas antes decorram do princípio, ainda não formulado, que é o próprio homem no exercício de sua plena liberdade. Se isso tem seus riscos, é porém a única atitude para possibilitar realizações ousadas e sempre originais.

No que se refere à tradução portuguesa, percebe-se logo que E. Stein é um notável conhecedor do pensamento de M. Heidegger. Tradução e edição constituem um raro exemplo de divulgação cultural, de certo nível, em nosso País.

Paulo Nosella

PRESCOTT, Frederick: Contrôles da dor, tradução de Margarida Maria C. Oliva, (Coleção de Psicologia-15), pp. 190, 21x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1971.

Lançado um novo livro: "Contrôles da Dor", de Frederick Prescott, sendo este o 15.º da série de Psicologia das Edições Loyola, como está indicado na contra-capa. É estranho que no "Prefácio do Editor" conste tratar-se do primeiro livro da "Nova Série de Ciências". Este livro é um dos poucos no gênero, que aborda com tanta imparcialidade tudo o que se poderia ligar ao problema da dor. Escapa, entretanto, à vulgaridade própria dos livros de vulgarização. Enfoca o problema da dor desde o aspecto psicossomático até os diversos modos de se obter um controle sobre ela. Contudo, deixa a desejar que uma tal obra careça de notas e bibliografia. Apesar desta ausência, o livro é rico em dados e, sem dúvida, resultado de uma pesquisa profunda.

A tradução é bastante correta, de estilo agradável, facilitando ao leitor a compreensão do texto.

O autor, porém, não foi feliz na abordagem da Hipnose. O conteúdo exposto está ligado à Escola Reflexológica de Pavlov. Há uma série de estudos modernos que superaram a Teoria Pavloviana. O Signo-Sinal de Pavlov — que pode tratar-se de uma palavra ou gesto que induz necessariamente a Hipnose — desperta uma série de fenômenos encadeados, e não é suficiente para explicar o mecanismo hipnótico. Pavlov transpôs ao mecanismo hipnótico suas experiências com cães de laboratório, que respondiam ao estímulo do som com uma resposta de salivação. A pala-

vra corresponderia ao estímulo que desencadeia o "sono". Como se daria, cientificamente, o fenômeno, segundo Pavlov? Por uma inibição da *Córtex Cerebral*, que restringiria a atividade do cérebro a um único centro nervoso, por ele chamado "ponto-vigil". Neste ponto "luminoso" dar-se-ia o "rapport" com o Hipnólogo. Ora, o Reflexo Condicionado necessita de diversas repetições do estímulo associado a uma resposta (S-R) artificialmente induzida, até que o organismo, espontaneamente, reaja com a resposta por ele mesmo criada. Na Hipnose, sabemos que não é necessário, na maioria dos casos, a repetição, postulada pela lei do Reflexo Condicionado. Portanto, a inibição da *Córtex Cerebral* é um epifenômeno constatável na hipnose, resultado de uma obnubilação da mente objetiva ou por uma exaltação da mente subjetiva. No trabalho analítico, observa-se com facilidade que a exaltação do inconsciente (mente subjetiva), com frequência produz um estado hipnótico (ou hipnoidal), que submerge o consciente num estado crepuscular. Outro motivo sério que invalida a posição pavloviana, defendida por Prescott: todos os indivíduos possuem um organismo, cujas funções fisiológicas agem dentro de determinismo rígido do Sistema S-R. Doutra lado, a *Córtex Cerebral* não é privilégio de alguns! Como se explica que haja indivíduos "refratários" a hipnose, mesmo pelo método de Sincronismo Ondulatório, em que se provoca uma descarga de uma fonte sonora ou luminosa, com a mesma frequência das ondas cerebrais? Estas e outras razões poderiam ser aduzidas para invalidar a aplicação das leis de Pavlov à Hipnose.

Desejo, entretanto, desfazer um outro equívoco. No parágrafo acima, frisei a existência de refratários à Hipnose, uma vez que o autor o registra. O fiz para colocar-me dentro da perspectiva de Prescott, mostrando a incompatibilidade entre este dado e a teoria mecanicista de Pavlov. Contudo, não é exato que haja pessoas refratárias à Hipnose. As experiências de Schultz nos fornecem cifras que atingiram o resultado de 100% de indivíduos hipnotizáveis, não obstante a necessidade de centenas de sessões com algumas pessoas. É comum suceder até 1700 sessões com o mesmo sujeito para estabelecer o "rapport". Tal resistência é motivada por um "campo de força" que estabelece um bloqueio, que o psiquismo pode sustentar durante muito tempo. Uma vez rompido o "campo de força", existe a empatia entre hipnólogo e "sujet", e a hipnose dá-se com facilidade.

Salvo este pequeno impasse, por nós colocado, recomendamos o livro como de grande valor a todos que se colocam o problema da dor, também aos que buscam pistas para refletir, combater ou superar com prudência a dor, na medida em que esta exagera em sua dedicação à defesa do organismo humano.

Luís Augusto Passos

LEPARGNEUR, Hubert: *A Secularização*, Coleção Teologia Hoje vol. 6, pp. 176, 21x14,5 cm, Edição Duas Cidades, São Paulo, 1971.

O livro, em síntese, constitui uma boa iniciação crítica ao fenômeno sócio-cultural e teológico da secularização.

Nos primeiros três capítulos, o autor dá um resumo das origens do processo, dos precursores e dos principais autores do chamado movimento teológico da "morte de Deus". Os demais capítulos do livro (4 a 7) constituem um ensaio de avaliação crítica teológico-pastoral das teologias da morte de Deus, nos seus méritos e nas suas fraquezas.

Ao longo de todo seu trabalho, o autor distingue cuidadosamente entre dois aspectos do processo ou tipos de secularização: a libertação do controle religioso sobre a vida humana e a libertação em relação ao próprio Deus, contestado na sua existência e natureza. No primeiro caso, temos a **secularização**, que é basicamente um movimento de valorização do homem; no segundo, temos o **secularismo**, no qual o autor vê basicamente um movimento de negação de Deus. As dimensões da revolta secularizante, típica dos teólogos da corrente radical, representados por van Buren, van Peursen., Hamilton e Altizer, se resumem em três interpretações de Deus: Deus como um mito nocivo, Deus como um objeto inútil e Deus como uma impossibilidade. Para os radicais da secularização, ao conceito de Deus não corresponde nenhum conteúdo objetivo. As afirmações sobre Deus, segundo estes autores, são afirmações sobre o homem: Jesus de Nazaré é um homem admirável, mas afinal apenas um homem admirável pelo contágio da sua exemplaridade; a Páscoa simboliza a vitória da liberdade humana; a Parusia figura a projeção do homem ao encontro do seu próprio futuro. Se morreu o Deus da eternidade, não pode existir nem religião nem culto. O simbolismo religioso e sacramental perdem todo seu sentido.

É fácil perceber as conseqüências a que conduzem estes extremos do secularismo, que recebem do autor uma crítica forte e lúcida, tanto do ponto de vista da história e da sociologia das religiões, quanto do ponto de vista da filosofia e da teologia. Na sua crítica ao secularismo, o autor parte de uma clarificação de conceitos, entre os quais destacamos a distinção (e vinculação) entre fé e religião. Para Lepargneur, a fé designa o consentimento pessoal ao Mistério revelado; a religião, sua expressão sócio-cultural. Como tal, a fé é a alma da religião; a fé confere à religião seu sentido definitivo e seguro. A religião, por sua vez, confere à fé uma estruturação, sem a qual ela não passaria de um sentimento fugaz, incontrolável, subjetivo, irrelevante para este mundo. A fé dá validade à religião para o Reino dos céus. A religião é a validação da fé para a sociedade terrestre.

A secularização, como processo da maturidade do homem e da sua libertação dos mitos, da magia e do clericalismo, é vista como uma reação cultural global a uma compreensão pré-científica e pré-urbana da sociedade, do mundo e da própria religião. Como tal representa um questionamento profundo à compreensão e formulação tradicionais da fé. Enquanto se limitar a estes aspectos, a secularização é avalizada positivamente pela maioria dos teólogos, inclusive pelo nosso autor.

De um modo geral, parece-nos que a obra atingiu os seus objetivos. No entanto, a título de contribuição crítica, fariamos os seguintes dois reparos: primeiro, nem sempre o autor distingue com clareza os níveis de análise e crítica. Por exemplo, no capítulo V, as análises do tipo sociológico e as afirmações de caráter teológico se embaralham, sem maiores preocupações de caráter hermenêutico. A segunda observação se refere à promessa de um enfoque especial para a presente situação brasileira (p. 8). As referências específicas à situação brasileira são raras e como que de passagem, frustrando-se assim esta expectativa despertada no leitor. Tirando-se o que se diz às pp. 138-139 e a referência contida na página 136, o livro poderia ter sido escrito na Europa ou nos Estados Unidos.

Fica, pois, para o autor, já agora com uma boa experiência de Brasil, a sugestão de nos brindar com uma análise da significação teológica e pastoral da secularização para o catolicismo em terras brasileiras.

Matias Martinho Lenz

BOROS, Ladislau, *Nós somos futuro*, 181 pp, 14x21 cm, trad. Jesús Hortal, S. J., do original alemão, Mainz — 1969, Edições Loyola, S. Paulo — 1971.

Há algum tempo a virtude da esperança não atraía quase as atenções nos ambientes católicos. O impacto da assim chamada Teologia da Morte de Deus, a concentração sobre o tema da “ausência de Deus”, a resposta a dar diante das ideologias de horizontes fechadamente terrestres, e o dinamismo interior da própria Igreja terão contribuído para tirar a esperança do quase anonimato a que estava relegada, porquanto só aparecia citada com a caridade e a fé.

Ladislau Boros, encarregado da cadeira de Ciência das Religiões, na Universidade de Innsbruck, desde 1963, produz esta obra, “Nós somos o futuro”, centrada na virtude da esperança, com um conteúdo que talvez se possa resumir em dois pontos: o que tem a haver com cada tipo de homem (a criança, os anciãos, o doente ...) a esperança e o futuro: que ela antecipa de algum modo.

O primeiro capítulo, segundo recomendação do próprio A., pode ser deixado para ler após todo o restante, que se desenvolve em clima mais informal, quase que diríamos, com o A, de meditação, se não fôsse que esta palavra pode ter ressonâncias muito negativas, e dar uma falsa idéia do valor deste livro. Contudo no capítulo inicial deparamos com apresentação de caráter mais filosófico, de tal modo que, de fato, lucra o leitor que o tomar como conclusão.

O A. confessa sua preocupação com os que se sentem mais à vontade com “pensamentos” do que com aquilo que exige o engajamento de toda a existência. Por isto a 1.^a e a última meditações são mais de cunho teórico, e entre essas ele intercala as demais, desenvolvendo “pontos levemente indicados até as últimas conseqüências” (cf. Introdução, p. 10).

Nesta parte prática desperta particular atenção “O Dia-a-Dia da Esperança” (p. 129ss). Os subtítulos são elucidativos: “Dar de comer a quem tem fome”, “Dar de beber a quem tem sede”, “Vestir os nus”...; — Do mesmo modo o “Espírito da Esperança”: “Corrigir os que erram”, “Ensinar os ignorantes”...

Na seção final, de caráter mais teórico, segundo a advertência do próprio A., domina o enfoque do destino último do homem. Procura unir as oito “últimas coisas” (morte, juízo particular, o céu, o inferno, a ressurreição da carne, o juízo final, o retôrno de Cristo, a glorificação do universo). Reconhece a existência de novas perspectivas do pensamento cristão contemporâneo, o aparecimento de hipóteses que “pareciam ser uma demolição das concepções anteriores”. Por isto não se propõe a fazer uma exposição sistemática, completa e perfeitamente elaborada das últimas realidades (p. 159). De fato, ninguém o esperaria em 22 páginas. Na verdade nos deparamos com uma reflexão que lança uma hipótese, com a lealdade de chamá-la assim. A saber: “Na morte abre-se a possibilidade para a primeira decisão plenamente pessoal do homem. Por isso a morte é o lugar da conscientização do homem, do encontro com Deus e da decisão da sorte eterna” (p. 164).

Esta obra recebeu uma tradução em bom português, o que ajuda o leitor. Por isto mesmo, do ponto de vista de forma, ela pode atingir um público mais vasto. Contudo não é um livro para o grande público nas suas duas partes teóricas. Torna-se mais acessível no restante, num total de 146 páginas, com apresentação verdadeiramente capaz de prender a atenção, e de forçar a leitura de um só fôlego, o que não se recomenda pela grande riqueza com que cada tema é desenvolvido.

Impressão nítida, boa disposição gráfica valorizam este nôvo lançamento das Edições Loyola.

Raul P. Paiva

CHARBONNEAU, P.-E.: *Curso de Preparação ao Casamento*, pp. 170, 21x14 cm, Editora HERDER, S. Paulo, 1971.

Charbonneau, autor de muitos livros não precisa de apresentação. Seu nome — se nos permitem a comparação — é a etiqueta que garante um bom produto. Isto é tanto mais válido quando se sabe que Charbonneau é um homem que empenhou toda a sua vida adulta, seu ministério sacerdotal e apostolado da pena (com todo o seu talento) a serviço da família. Mc. Luhan interrogado sobre a crise da família respondeu: "Falar da morte da família pode ser muito prematuro. É bem possível, com efeito, que a família esteja entrando em sua idade de ouro". Talvez não houve momento da história em que tanto se conspirou contra a família, o sacerdócio, a vida religiosa, etc. No entanto, talvez nunca houve um empenho tão grande e universal para fazer com que a família entrasse em sua idade de ouro. Para tanto os homens deveriam tomar sempre mais consciência desta cruel ironia: "Num mundo em que para tudo há preparação só para duas coisas o homem não se prepara: para a política e para o casamento". São palavras de H. Borge.

As iniciativas que se tomam, e uma dessas é este livro, para ajudar os jovens a prepararem-se para o casamento tem um valor imorredouro. "Quando se fizer a história de nossos tempos, se a história for objetiva e justa, certamente falará dos esforços inteligentes em que estamos sendo pioneiros, de preparar para a grande empresa do casamento, aqueles que nela se empenham com a desejável seriedade".

Que dizer do livro como tal? Ninguém mais autorizado que Frei Lucas M. Neves, Assistente Latino-Americano do Movimento Familiar Cristão. Prefaciando *Curso de preparação ao casamento*, escreve: "Não digo que seja um livro fácil. É um livro sério. Desejo vivamente que cada leitor saiba ultrapassar algumas páginas aparentemente difíceis para não perder a beleza, a penetração, a claridade, a inspiração dos conceitos que terá a oportunidade de encontrar em todos os capítulos. Tanto quanto para noivos às vésperas para casar-se, estou convencido de que esses capítulos serão utilíssimos para sacerdotes e leigos que trabalham em cursos de preparação para o casamento e contam com uma literatura bem escassa neste campo".

Creio que as "páginas aparentemente difíceis" a que Frei Lucas se refere sejam as dos capítulos introdutórios principalmente aquela que disserta sobre a pessoa humana numa linguagem aristotélico-tomista. São páginas densas, válidas. Aliás nada mais óbvio. Sempre que se constrói um grande edifício o fundamento é sólido, à base de pesados blocos... Apesar disso essa obra está impregnada de notável senso prático, situando a verdadeira dimensão dos problemas do amor matrimonial.

Em resumo: *Curso de Preparação para o Casamento* deve ser lido por aqueles que se inquietam com o futuro do amor e pelos jovens que o pretendem viver em sua mais autêntica dimensão — a cristã.

G. E. W.

ROUILLE, A.: *Prêtres d'aujourd'hui pour demain* (Coleção: "Théologie, Pastorale et Spiritualité — recherches et synthèses" — XXIV), pp. 80, 19x13 cm, Éditions P. LETHIELLEUX, Paris, 1971.

Se abrirmos, hodiernamente, um livro sobre a família, o autor falará, nas primeiras páginas, que a família está em crise, que a família está ameaçada; se abrirmos outro sobre vida religiosa leremos no capítulo inicial, que este tipo de testemunho cristão está condenado à morte; finalmente, um livro sobre os padres não pode fugir deste fato pois também eles estão em crise.

“Os sobressaltos universitários, as revoluções políticas, as contestações dos valores estabelecidos” (p. 9) manifestam uma crise universal. Criam novos problemas. Problemas pessoais. E os problemas pessoais dos sacerdotes são numerosos e árduos. Peritos e amadores, leigos e sacerdotes, crentes e descrentes debatem-nos. Um sínodo de bispos, atualmente reunido em Roma, se ocupa dos mesmos. Enquanto uns tomam posições, há os que se escandalizam, há os que aplaudem e terceiros entram em pânico.

Que está, afinal de contas, acontecendo? O autor que conhece bem seus irmãos no sacerdócio, escreve as páginas deste livro, a partir do seu íntimo, com a tinta de seus próprios sentimentos, com sua própria vocação e fé (cf. p. 71) para tratar, não das modificações das estruturas ou da teologia do ministério sacerdotal, mas sim para abordar os problemas que envolvem hoje a pessoa do sacerdote (cf. p. 6). E os problemas de que trata são os da fé, da oração, da esperança do padre; os problemas do sofrimento, de suas relações e de seu engajamento, sem esquecer os problemas do celibato.

Embora seja um livro breve, é, contudo um livro transbordante de experiência pessoal tal como o livro citado entre a bibliografia: Laplace, J.: *Le Prêtre à la recherche de lui-même* que está para ser lançado, em Português, pela Editora Loyola.

G. E. W.

FEINER, J. — LOEHRER, M.: *Mysterium Salutis*, Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica, Vol. 1/2 *Teologia Fundamental*, tradução de B. C. da Silva, pp. 254, 23x16 cm, Editora VOZES, Petrópolis, 1971.

Embora estejamos apresentando primeiro a segunda parte do primeiro volume da monumental Dogmática Histórico-Salvífica, não podemos deixar de dar, inicialmente, as informações seguintes: a tradução portuguesa abarcará 24 volumes (REB, julho 1971, 526-527). O lançamento de *Mysterium Salutis* se estenderá por três anos. A presente parte insere-se ainda na área da assim chamada Teologia Fundamental. Peter Lengsfeld escreve na parte I sobre “A Presença Permanente da Revelação na Escritura e na Tradição” concluindo com uma valorização dogmática da mesma. Mas na parte III, retoma novamente o tema, discorrendo sobre a relação mútua entre Tradição e Sagrada Escritura. A parte II do volume 1/2: “A palavra de Deus transformada em livro na Escritura Sagrada” é escrita pelo conhecido autor do *Bibel-Lexikon*, H. Haag. Sob este título Haag trata da inspiração e canonicidade da Escritura, apresentando um ótimo resumo das atuais posições da teologia católica e protestante. O capítulo escrito por Haag é enriquecido por um excurso escrito por G. Hasenhüttl em que é exposto o problema da hermenêutica em R. Bultmann e sua escola. Sem ser “profeta” posso adiantar que *Mysterium Salutis* será um marco na reflexão teológica do Brasil e no anúncio do mistério da salvação...

G. E. W.

PONTHOT, J. et alii: *A Ressurreição de Cristo* — Acontecimento — Mistério e Catequese, tradução de M. L. Neri, pp. 124, 23x16 cm, Editora VOZES, Petrópolis, 1971.

Os povos todos, os homens enfim, esperam algo da Igreja. Embora, inconscientemente, os homens esperem dos cristãos e de sua Igreja (o que propriamente constitui a missão própria da Igreja e dos cristãos) é o anúncio, pelo testemunho da vida e da palavra, do Cristo Ressuscitado que é “a razão de nossa fé” e a razão de nossa esperança.

Para que esta obra possa ajudar "a redescobrir" e a anunciar o Evangelho da Páscoa, os autores propõem os seguintes estudos: 1) As tradições evangélicas sobre a Ressurreição de Cristo por Joseph Ponthot; 2) Jesus Ressuscitado, a humanidade e a Igreja por Paul Hitz; 3) Sugestões para uma apresentação catequética da Ressurreição de Cristo. Este último tema apresenta sugestões para dois níveis: nível adulto, escrito por P. Watté, e nível da adolescência, escrito por H. Lombaerts e C. Jezierski. Cremos que a verdade antiga mas sempre atual — a Ressurreição de Cristo —, frisada, nesta obra, sob novos aspectos, sugeridos principalmente pelo Vaticano II, possa reavivar a fé, aprofundar o conhecimento e a vivência desta verdade básica do cristianismo.

G. E. W.

BELLET, M.: Medo ou Fé — Análise dos problemas sacerdotais na época atual, tradução de G. J. Maissiat, pp. 508, 20x 13 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1970.

Maurice Bellet é um dos colaboradores de "Christus", revista de espiritualidade francesa. Analisa neste livro a crise atual dos sacerdotes com clareza e equilíbrio. Apresenta, em primeiro lugar, a sua despersonalização profissional e pessoal. Adotam, em consequência, duas atitudes extremas: um excessivo afastamento do povo e insensibilidade para compreendê-lo, ou um desejo manifesto de ser igual aos outros, de serem aceitos como homens.

Como responsável pela palavra e pelo povo, o sacerdote está obrigado a compartilhar as experiências, os problemas religiosos dos cristãos. O mais torturante é o ter que enfrentar um mundo incrédulo, indiferente, a quem é preciso levar a salvação.

Mas o padre descobre que, muitas vezes, aparece aos olhos dos outros como o homem das proibições, nos campos mais concretos da vida: no trabalho, sexo e razão. O padre deve trabalhar, deve ser um profissional? A pergunta principal é saber: o que ele faz, como padre, que ainda tenha sentido?. No celibato, Bellet analisa a atitude do padre diante do sexo. Não dá soluções. O importante é que o sacerdote seja homem de verdadeiro amor, a serviço de uma libertação de todos.

O padre, nesse serviço de amor, pretende ser sinal para os homens. Mas ele está ligado a um Deus, a uma religião concreta, que são barreiras para muita gente. O que deveria uni-lo aos homens, agora é obstáculo. Sua especialização sacerdotal, seu mundo teológico, o fato de ser representante da Igreja, isolam-no. Afinal, não poderíamos ser cristãos sem o Cristo, como pretende a corrente secularizadora?

Aqui se justifica o título: Medo ou Fé. Uma nova visão do mundo leva-nos a não somente fazer de Cristo o conteúdo explícito da nossa fé, mas também a reconhecê-lo como o princípio e inspirador da nossa ação. Pela encarnação, Deus não se opõe ao homem, é o amor autêntico. O padre é o encarregado de transmitir aos homens esta experiência-fé do amor de Deus, de evitar a desastrosa alternativa: "Deus ou o homem".

É importante acentuar a missão do sacerdote hoje, como o faz M. Bellet. Seria necessário, porém, desenvolver mais a análise das formas de viver essa missão hoje. A fé deve desenvolver-se em modos de vida mais adaptados. Sem eles, a fé e missão dos sacerdotes correm o risco de obscurecerem-se.

J. M. M.

ROBINSON, C. e L.: **Educação Sexual e Conjugal**, tradução de Helenita Garcez, pp. 216, 21,50x15 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1971.

"Educação Sexual e Conjugal" apresenta bastante bem, mesmo o controle de natalidade, pois nunca podemos agir às cegas em matéria tão delicada. É de muita atualidade o que os autores apresentam, em vista de tantos e tantos problemas que se vão avolumando com o progresso das ciências. Salientam os pontos essenciais dessa matéria, não deixando de entrar em muitos pormenores.

Abordam em particular o andamento dos problemas **positivos e negativos** que por ninguém podem ser ignorados.

Apresentam, em destaque, tudo, desde o momento em que iniciam os problemas: as meninas-moças, dos 12 ou 14 anos e dos rapazinhos dos 13 ou 15 anos de idade. Acompanham o desenvolvimento do amor e do sexo desde sua primeira manifestação (sem olvidarem o período anterior) até sua realização no matrimônio. Visando sempre a felicidade futura de ambos no matrimônio, propõem normas e diretrizes a serem seguidas durante o namoro e noivado.

Sendo o tema do livro um dos assuntos mais delicados da vida humana, reconhecem os próprios autores, ser difícil — talvez impossível — existir uma obra completa sobre o mesmo. Por isso os autores recomendam o recurso a bons conselheiros: médicos, amigos sinceros, familiares, sacerdotes ou outros. Estes pormenores vêm salientar mais ainda a sinceridade da obra.

"Educação Sexual e Conjugal" é um manual que todos, jovens e velhos devem conhecer. É um guia esclarecedor e, o que não é menos importante, também solidifica a vida conjugal através dum sempre maior conhecimento mútuo. Quem quer estabelecer um lar feliz, encontrará neste compêndio uma orientação feliz que pode impedi-lo de fracassar irremediavelmente. E os matrimônios infelizes são incontáveis. Muitos deles poderiam ostentar a face da felicidade e realização se tivessem tido um guia, um orientador — o que pretende este compêndio.

J. H. S.

HILDEBRAND, D. von: **Cavalo de Tróia na Cidade de Deus**, tradução de Tarcísio Leal, pp. 268, 21,5x13,5 cm, Livraria AGIR, Rio de Janeiro, 1971.

O autor é um filósofo de fama, que aos 25 anos teve a abertura para a verdade e a coragem de condenar o erro em que se achava e abraçar o catolicismo. Escreveu obras de valor sobre antropologia cristã. Agora, aos 80 anos, escreve um livro sobre os problemas que agitam os cristãos, no esforço pela renovação da Igreja iniciada pelo Vaticano II. A obra se limita quase que exclusivamente a criticar os exageros cometidos pelos assim chamados "progressistas". Pode por isso dar a impressão que só houve exageros nesse esforço de renovação. Que tenha havido e há exageros, seria cegueira não querer vê-los; mas houve também justos e necessários progressos. Mas sendo que o autor adere ao Vaticano II e ao Magistério da Igreja podemos supor que também ele admite os justos progressos que o Concílio trouxe à Igreja. Em todo o caso compreendemos que uma pessoa de 80 anos tenha sua dificuldade em acompanhar os tempos, mas nem por isso deixamos de envolvê-lo no manto da compreensão e da caridade cristã. A obra não obstante seu aspeto unilateral é valiosa e merece ser lida. Não é leitura fácil, supõe pessoa instruída e de espírito sereno, livre de preconceitos.

C. S.

RODRIGUES, Afonso: Epopéia da Medianeira, pp. 71, 21,5x14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1971.

O livro destina-se certamente a espíritos bem raros em nossos dias, pois como adverte o autor, a leitura exige uma mentalidade bem qualificada. E de fato o leitor comum que chegasse à página 43 e lesse o seguinte: "Quando sua Majestade a Imperatriz (Nossa Senhora) repara que seu Condestável (Jesus Cristo) atingira um metro e oitenta de altura, toca a sineta para chamar o chefe de sua casa civil. E diz-lhe: Gabriel, traga imediatamente à minha presença o querubim da fé, que meu Filho adorável petrificou (S. Pedro) para ser o sustentáculo de nosso Império: depois de meia hora seja introduzido o serafim do Amor, o discípulo dileto de seu Coração". Chegado a essa altura o leitor comum, certamente haveria de parar, não para meditar, mas para perguntar-se se esse estilo condiz com a pessoa venerável da humilde serva do Senhor. Mas creio que ele já parou à página 23 onde se fala do anel de S. José "de fosforescência virginal", ou já antes, à página 13, onde se fala de "chuva de anjinhos de asas-de-pombas-brancas que voam a varrer os caminhos e ajeitar as paisagens e panoramas..." Enfim o livro teria encontrado mais admiradores se tivesse aparecido no tempo dos cavaleiros andantes. Mas um mérito tem a obra: é a manifestação poética duma alma amante da vida da Mãe da Igreja.

C. S.

MANTEAU-BONAMY, H.-M.: La Vierge Marie et le Saint-Esprit, commentaire de "Lumen Gentium", pp. 222, 13,5x21 cm, Paris, Editions P. Lethielleux, 1971.

O Vaticano II apresentou no Cap. VIII da **Lumen Gentium**, uma síntese bem equilibrada da Mariologia, colocando Nossa Senhora no seu verdadeiro contexto na História da Salvação. Ela não é uma realidade isolada, um bloco errático, mas um órgão vivo num organismo vivo, o Corpo Místico de Cristo. A posição de Mãe que ela ocupa é obra do amor misericordioso e salvífico de Deus, é obra do Espírito Santo. O autor examina todo o Capítulo VIII sob este aspecto e tira conseqüências teológicas e espirituais insuspeitas. É obra que aprofunda nosso conhecimento do papel que teve Nossa Senhora na economia da salvação e com isso aumenta nosso amor a Deus e nossa veneração à Mãe da Igreja.

C. S.

MOLTMANN, Jürgen: Teologia da Esperança, tradução de Helmuth Alfredo Simon, do original alemão, pp. 450, 21x14 cm, Herder, São Paulo, 1971.

TEOLOGIA DA ESPERANÇA de Jürgen Moltmann — agora em tradução portuguesa — constitui-se num notável esforço de repensar toda a Teologia sob uma perspectiva escatológica. Teologia da Esperança "não porque, mais uma vez, queiramos expor aqui a Escatologia como um dentre muitos pontos doutrinários", mas porque "o Cristianismo é total e visceralmente escatologia... ele é perspectiva e tendência para a frente, e por isto mesmo renovação e transformação do presente". O objetivo de J. Moltmann, neste admirável trabalho, é o de empurrar o epicentro do constante acontecer histórico para o futuro escatológico, fundamentado na Promessa. Por isso este acontecer histórico não mais será determinado pelo passado (volta ao passado), nem pelo presente ("utopia do 'status quo'"), mas pelo futuro de Cristo, "pois o agulhão do futuro prometido arde implacavelmente na carne de todo presente

não realizado". A perspectiva escatológica da esperança cristã gera, portanto, uma contradição dialética entre o presente e o futuro (lógos da Escatologia). Por ela somos aguilhoados, jogados para fora da tranquilidade e segurança do presente, a fim de buscarmos no futuro escatológico a verdadeira dimensão da história humana. Teologia da Esperança, de J. Moltmann, é uma obra de difícil leitura, porém, pela sua profundidade e importância — especialmente para nós brasileiros, neste momento histórico em que todos os humanismos são guilhotinados por uma visão tecnocrata — merecedora de nosso estudo individual, de nossos debates grupais e da meditação séria de todos aqueles que, detentores de poder na sociedade, se tornaram capazes de atitudes prenes de conseqüências futuras.

F. B.

VAWTER Bruce: **Introducción a los cuatro evangelios**, tradução de José M.^a Gondra, S. J., (Coleção "Palabra Inspirada" 9), pp. 556, 21x15 cm, Editorial "Sal Terrae", Santander, 1969.

Exegeta de renome, autor de várias obras e inúmeros artigos, soube vasar em 26 capítulos visão de conjunto para o grande público do pensamento especializado e atualizado sobre a mensagem dos quatro evangelhos. Não nos pretende dar comentário com exegese em sentido estrito e com abundância de aplicações teológicas, mas explicação concreta, objetiva, científica que assista ao leitor na tarefa de seguir o relato evangélico com a maior clareza e o mínimo de distrações possíveis. Deixa de citar o texto das pericopas tratadas, mas diz ser indispensável tê-lo ante os olhos em boa tradução.

Não obstante o fim visado, debate brevemente e com segurança os problemas abordados nas Introduções ao N. T. e as questões que suscitam as passagens difíceis dos evangelhos.

É sem dúvida árdua a leitura da alentada obra; compensa, porém, o esforço despendido, pois conhecer melhor os evangelhos é conhecer mais o Cristo, que é caminho e vida.

R. A. Br.

AUZOU, Georges: **A Tradição Bíblica**, tradução de Frei Eliseu de Lucena Lopes, pp. 373, 21x13,5 cm, (Coleção "A Palavra de Deus", sem indicação na capa nem n.º), Livraria Duas Cidades Ltda., São Paulo, 1971.

Precedendo apresentação geral, seguem-se 12 capítulos: I: O meio original; II: A era patriarcal; III: A aliança divina; IV: A terra e o reino; V: A era profética; VI: A grande tribulação; VII: O resto; VIII: A comunidade judaica; IX: A defrontação de um mundo novo; X: A era crítica; XI: A nova aliança; XII: A mensagem das testemunhas. Acresce a êsses capítulos o "Índice dos principais nomes e realidades encontradas".

Trata a obra, di-lo o autor, da história da composição dos escritos bíblicos, situando-os uns em relação aos outros e sobretudo em seu meio original e vivo, em seu lugar cronológico e em seu contexto original; situação cujo conhecimento, de modo geral, permite compreender exatamente o sentido e o alcance da obra dos escritos. É, pois, como uma introdução sumária à Escritura, com dimensão de teologia bíblica. Em estilo fácil, fluente e vivo vê-se como nasce a Bíblia. Com imensa erudição descreve o autor o meio ambiente, o original da mensagem de revelação, o modo complexo da composição dos livros sacros e isso conforme o estado atual das pesquisas exegéticas.

O leitor, chegando ao fim, sente-se intimamente satisfeito porque enriqueceu a alma de estima e amor profundos da Sagrada Escritura e

relerá com vagar e gosto vários capítulos de importância capital, para melhor compreensão desse admirável livro que é a Bíblia.

Em segunda edição dever-se-iam corrigir não poucos senões tipográficos.

R. A. Br.

CUTTAT, Jacques Albert: **O Encontro das Religiões**, com um estudo sobre a espiritualidade do Oriente cristão, tradução das Monjas da Abadia de Nossa Senhora das Graças, Belo Horizonte, do original francês, pp. 170, 18x12 cm, Herder, São Paulo, 1968.

O livro divide-se em duas partes. A primeira parte leva o título de "O Encontro das Religiões". Faz-se, nesta parte, como indica o título, um estudo comparado das religiões da Índia e do Cristianismo. O autor certamente foi feliz na tentativa de mostrar ao leitor de como as Religiões não-cristãs do Extremo-Oriente podem servir de base para a revelação cristã. A segunda parte do livro intitula-se: "O Método Hesitasta de Oração e sua Penetração Espiritual nas Fronteiras do Oriente e do Ocidente". Trata-se dum método de oração bizantino-russa, denominado "Oração do coração". É uma mística que tem ligações com a mística ocidental e hindu. — Ambas as partes do livro são de interesse do homem moderno. Respondem, através de agradável exposição, a uma série de perguntas de relevância.

L. A.

KESEL — BONSEN — MOENKS — LEIJEN — BEEMER: **Consciência e Liberdade**, tradução de Francisco Van de Water, da primeira edição holandesa, pp. 162, 21x14 cm, Herder, São Paulo, 1969.

O opúsculo apresenta trabalhos de cinco autores diversos, que fazem um estudo da consciência sob o aspeto teológico, psicológico e filosófico, estabelecendo a relação entre a consciência e a autoridade eclesiástica. Trata-se dum livro atualizado, que esclarece com muito acerto as discussões sobre a tão falada "crise de autoridade". É, sem dúvida, um trabalho que não pode faltar na estante de livros de pessoa que deseja manter à altura sua formação humanística.

L. A.

CAMARA., Helder: **Espiral de violência**, tradução de Alejandro Sierra sobre o original francês *Spiral de violence*, publicado em 1970, pp. 81, 19x12 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1970.

Há violência no mundo, há muita violência hoje.

Violência é o tiro de metralhadora do assaltante de bancos, mas é violência também a injustiça do sistema capitalista quando se torna instrumento de sempre maior enriquecimento para os ricos e de sempre maior exploração dos pobres. Violências são as arruaças destruidoras dos estudantes, mas também é violência a imposição ditatorial dos poderes públicos quando proíbem a livre expressão dos centros culturais. Violência é a revolta das massas que acaba no sangue e no ódio, mas

muito maior violência é a opressão dos relativamente poucos donos quando procuram afastar ao máximo a verdadeira libertação dessas massas. É fácil falar de violência, mas é preciso analisá-la profundamente para detectar suas causas primeiras e sua "lógica". Violência gera violência, mas qual será a violência fundamental, qual a violência inicial, original?... Existe uma real ameaça de que o mundo entre numa espiral de violência, numa escalada de violência. Não é mais possível ficar de olhos fechados. Os oprimidos, os marginalizados, os tímidos tomam consciência que são muitos, são legião: sua força aumenta. Como resolver esse angustiante problema da violência?... É necessário primeiramente tornar-se ciente das causas verdadeiras e fundamentais, para não arrancar as flôres do mal sem atingir suas raízes. Dom Helder Câmara tenta exatamente expor as causas radicais da violência, tenta também mostrar a "lógica" implacável da violência e, enfim, tenta dar uma resposta de solução. O livrinho inicia: "En recuerdo de Gandhi y de Martin Luther King". Aqui temos sua solução: alguns a chamam de pressão moral. Ao final trata-se de fazer algo, de proclamar a verdade e as exigências da justiça; afinal trata-se de tomar cada homem suas responsabilidades diante do problema da violência, trata-se de engajar-se seriamente. Por isso é necessária uma verdadeira liberdade. Pena, pena mesmo, que um livrinho de autor brasileiro tenha que ser lido numa língua estrangeira.

P. N.

MARÍAS, Julián: **Antropologia metafísica — A estrutura empírica da vida humana**, tradução de Diva Ribeiro de Toledo Piza, pp. 263, 20x14 cm, Editora Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1971.

Esse livro ganhou o prêmio Juan Palomo de 1971. Foi pensado ao longo de 20 anos. O tema acompanhou o autor desde suas primeiras explorações filosóficas e constitui — no dizer do próprio autor — sua maior novidade intelectual. É fácil pensar que a realidade humana, em seu nível empírico, não tenha afinal grande interesse para o pensador mais profundo: ele, parece, deverá "transcender" a estrutura empírica da vida humana para poder repensar profundamente, filosoficamente o homem. Mas essa atitude mental já foi. A humanidade não passou inutilmente pela experiência do pensamento fenomenológico. Não há uma realidade filosófica "além" da estrutura empírica da vida humana quando este "além" se tornou um mito. O filósofo não é alguém que deixa atrás de si a vida humana em suas manifestações concretas e perceptíveis para se refugiar num âmago do ser humano que ninguém mais entende o que seja. O filósofo compreende a vida humana tal como a encontramos realizada no homem concreto. É exatamente isto o que Julián Marías fez ao escrever esta antropologia metafísica: isto é, uma

caminhada ao longo do dia a dia do homem procurando colhê-lo em suas situações de morador do mundo, de sexuado, de corpo com um rosto, de amante, de falante, de triste ou alegre, de sonhador, de ser lançado para o futuro, de quem sabe algo sobre a morte. Apenas acontece que sua caminhada é de alguém (o autor) que tem os olhos bem abertos para captar todo gesto, atitude e situação significativas, de quem justamente compreende e transmite o sentido de tudo isso. É um livro de autêntica filosofia. O livro foi propositadamente aliviado de doulas referências e por isso sua trajetória se nos apresenta clara.

P. N.

QUEVEDO, Oscar: **O que é Parapsicologia**, tradução da 3.^a Edição espanhola, corrigida e aumentada pelo autor, pp. 128, 21,5x14 cm. Edições Loyola, São Paulo, 1971.

O padre Oscar Quevedo, S. J. publicou alguns livros entre os quais se destaca "A Face Oculta da Mente" (Ed. Loyola), livro êste que alcançou repetidas reedições e traduções para várias línguas, recebendo o elogio da "International Foundation of Parapsycology" de New York, como o melhor livro até então publicado sobre a matéria. Acaba agora de publicar mais uma obra: "O que é Parapsicologia". Trata-se de uma tradução da terceira edição Espanhola, atualmente esgotada. Sofreu um acréscimo considerável de temas atuais de Parapsicologia. A rápida expansão e o grande interesse que a Parapsicologia desperta deve-se ao fato de seus estudos versarem sobre investigação e análise de fenômenos aparentemente misteriosos, resultado de forças humanas. A Parapsicologia investiga fenômenos Extraordinários-Normais (Hiperestesia direta ou indireta do pensamento, Cumberlandismo, etc...), Paranormais (Fenômenos de Conhecimento a distância — Advinhação, Telepatia, etc...), e "Sobrenaturais" (Milagres, Possessão demoníaca, etc...).

"O que é Parapsicologia" focaliza o histórico desta ciência, seus principais pesquisadores. O livro é também uma sinopse dos principais fenômenos estudados, a maior parte deles observados e estudados pelo Pe. Quevedo. Sem dúvida, o tema foi tratado com grande conhecimento, pois poucos parapsicólogos teriam assumido o risco de produzir uma síntese de Parapsicologia, sendo esta ciência tão jovem. Apenas em 1953 foi aprovada oficialmente pelo Congresso de Utrecht. Entretanto, é com imensa felicidade que os temas são expostos, com simplicidade e precisão. O livro é acessível a todos os leitores. Inédito, sem dúvida, o capítulo V — que consta apenas nesta edição portuguesa — onde são tratados assuntos controvertidos como a Possessão demoníaca. Sugerimos êste livro a todos que buscam uma pequena enciclopédia de Parapsicologia ou àqueles que desejam uma introdução geral acessível e imparcial.

L. A. P.

PIEPER, J.: **Felicidade e Contemplação. Lazer e Culto**, tradução de H. A. Simon (Coleção CAIROSCÓPIO), pp. 154, 19,5x12,5 cm, Editora HERDER, São Paulo, 1969.

No mundo agitado em que vivemos, em que coisas e pessoas são valorizadas por sua produtividade e funcionalidade, as reflexões do filósofo Pieper nos dois ensaios sobre **Felicidade e Contemplação, Lazer e Culto** podem causar estranheza e repulsão. E contudo as colocações de Pieper, para nós homens do século XX, sempre voltados para os interesses imediatistas e utilitários, nos deveriam fazer pensar e refletir seriamente, se quisermos "libertar" o homem e a sociedade e levá-los à plena autorealização.

Aspiramos com avidez à felicidade. Será que sabemos onde e como encontrá-la verdadeiramente? Desejamos viver intensamente a vida. Será que não estamos justamente deixando de lado tudo aquilo em que podemos encontrar a vida em sua plenitude: a contemplação, o lazer, a festa e o culto?

O conteúdo do livro é rico e atinge problemas vitais para nós homens ocidentais, que hoje nos entregamos a uma atividade febricitante, absolutizando o trabalho e a funcionalidade de tudo. Por outro lado, lastimavelmente, o modo seco e transparentemente lógico de refletir (embora de fácil compreensão) tornam a leitura do valioso livro um tanto pesada.

C. L. B.

FORTMAN, E. J.: **Teología del hombre y de la gracia**. Estudios sobre la teología de la gracia — Comentario, tradução de E. Sáiz (Coleção "Teología y Mundo Actual" — 19), pp. 504, 21,5 x 15,5 cm, Editorial Sal Terrae, Santander, 1970.

A presente obra nos oferece, em 14 capítulos, um conspecto da concepção da graça, relacionamento entre Deus e o homem, desde o Antigo Testamento até os dias de hoje. Uma quarta parte do livro, e com razão, é dedicada à graça, em toda sua amplitude, na Sagrada Escritura: Antigo Testamento, sinóticos, São João e S. Paulo. A seguir apresenta-se a problemática da graça nas grandes épocas históricas: patrística oriental e ocidental, culminando com o Concílio de Orange, de grande importância para esta matéria; idade média; a problemática levantada pelos reformadores e a posição tomada no decisivo Concílio de Trento; séculos XVI a XVIII, focalizando principalmente os problemas em torno da questão "De Auxiliis", e os levantados por Baio e Jan-sênio. Nos três últimos capítulos dá-se uma visão, em separado, da teologia protestante, ortodoxa e católica nos séculos XIX e XX.

Fortman reúne em cada capítulo 4 a 7 extratos de estudos feitos por autores católicos, ortodoxos e protestantes, de acordo com o assunto. Os diversos excertos não são simples repetição dos mesmos dados, mas apresentam elementos novos e assim oferecem uma idéia mais completa da época em foco. Neste sentido a obra tem a vantagem de apresentar, em um só volume, dados importantes e diversificados sobre uma realidade que, através da história, sempre interessou aos estudiosos. O autor deseja "iluminar um dos grandes problemas da história da teologia do cristianismo" e "ser útil aos que estudam" (p. 8). Não há dúvida que o conseqüente com o abundante material oferecido. Mas uma vez que, nas exposições, surgem, necessariamente, divergências de opiniões, esperar-se-ia, principalmente para a utilidade dos estudiosos não especialistas, uma síntese crítica ou uma tomada de posição por parte de Fortman em cada capítulo.

Para informação e proveito do leitor são os breves dados biográficos dos autores dos excertos e o resumo destes excertos no início de sua apresentação. Um índice remissivo de autores e matérias completa a obra.

C. L. B.

ALEIXO, José Carlos Brandi: Integração Latino-Americana. Considerações políticas e históricas sobre suas bases, processo e significado, pp. 127, 23x16 cm, Coordenada Editora de Brasília, Brasília, 1970.

Sumário, fartamente documentado, da história e do significado do americanismo. O índice contém seis capítulos, bibliografia, índice alfabético de autores e periódicos e, em apêndice, a integra dos seguintes documentos: Declaração de Viña del Mar, Tratado de Montevideu e Tratado Geral de integração Econômica Centro-Americana. Os temas abordados são: necessidade e aprêço pelos exemplos e valores do passado; problemas atuais enfrentados pelos países latino-americanos; os Estados Unidos e a integração latino-americana; movimentos institucionais conducentes à integração latino-americana; o processo de integração: seu significado e seus elementos. Entre os problemas atuais enfrentados pelos países latino-americanos; Os Estados Unidos e a integração latino-americana; movimentos institucionais conducentes à integração latino-americana; o processo de integração: seu significado e seus elementos. Entre os problemas atuais são discutidos os seguintes: frete marítimo, mar territorial, recursos de alto mar, uso pacífico da energia nuclear, o Tratado de Não-Proliferação, a evasão dos talentos, a evasão de capital, o comércio internacional.

O jovem autor, doutor em Ciência Política pela Universidade de Georgetown de Washington, é professor de política na Universidade de Brasília. A leitura do livro oferece uma sólida iniciação ao estudo do americanismo, dos esforços realizados e dos problemas encontrados para unir os povos da América Latina na luta comum pelo desenvolvimento.

M. M. L.

IRALA, Casimiro: O porquê do Sucesso, pp. 158, 21,5x14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1971.

Temos em mãos o livro do Pe. Casimiro Irala da coleção de Psicologia, Parapsicologia e Formação das Edições Loyola. É o vigésimo livro desta coleção.

O livro é inédito, quanto ao aspecto que tomou deste assunto tão controverso e tão explorado, que é o Sucesso. Muitos autores e pesquisadores tentam fazer uma análise objetiva do sucesso obtido hoje nos campos artísticos. Mas, foram cometidas muitas falhas e absolutizações, que facilmente podem ocorrer num campo tão apaixonante. Este livro sem dúvida abre pistas ao problema da comunicação e de sua espantosa influência. Analisa as canções de maior sucesso, que são cantadas nas ruas, praças e pelas pessoas que estão a sós. As canções escolhidas pelo padre Irala são todas de músicas populares brasileiras (MPB) por conseguinte autores e compositores do nosso país. O livro condensa as letras das melodias que obtiveram maior vulgarização. Analizando-as faz com que o leitor penetre na visão psicológico-filosófica que levaram tais composições ao sucesso. O livro foi feliz ao escolher o tema, porque somos dardejados pela propaganda maciça dos meios de comunicação

social e por suas propagandas e "Hit parade", e por isso envolvidos por uma mensagem, nem sempre construtiva para a nossa vida diária. Momento o pessimismo e a desilusão nos atingem a raves de canções cuja letra repetimos mentalmente ou cantarolamos e, quase diríamos, subliminarmente, nos levam a assumir atitudes ou reações inconscientes.

Lamentamos que o livro não tenha um caráter científico, mas por outro lado, talvez um estudo mais profundo desviasse a meta do autor, que nos dá um testemunho de "alguém que continuamente está em contato com o povo..."

No afã de alcançar o seu objetivo, o Pe. Irala nem sempre é fiel ao poeta letrista e ao verdadeiro conteúdo que este quer expressar. Para esta pequena falha muito cooperou a exclusão de alguns versos ou estrofes da letra completa da canção. Isto é, o livro apresenta somente parte de algumas letras de músicas; com isso, evidentemente, o conteúdo global sofre. Talvez tivesse sido melhor constar menor quantidade de canções, e escolher apenas, exemplos típicos, em que toda a letra tivesse a ideologia plástica daquilo que o autor queria isolar. Assim o próprio leitor preocupar-se-ia de provar a tese do Pe. Casimiro observando outras tantas músicas, que estão surgindo com o mesmo conteúdo (ex. Jocafe).

Acreditamos também que o livro tem um caráter profundamente polêmico em relação à música atual, em detrimento de enorme quantidade de músicas de caráter construtivo, que revelam uma filosofia popular profundamente segura e positiva.

Creemos que interpretamos a verdade dizendo que cada pessoa deve ter sua própria opinião sobre este assunto. E, devemos relativizar também nossa crítica porque qualquer livro que abordasse este tema daria margem a polêmicas, discordâncias e entusiasmos, que apenas serviriam para afirmar o valor de seu autor e de seu conteúdo. Mas, embora pensamos assim, acreditamos que o Pe. Casimiro Irala tem uma palavra de peso e uma opinião abalizada sobre este tema, pois se impôs no campo da música popular religiosa e penetrou os Meios de Comunicação Social.

Deixamos ao cuidado dos leitores tirarem outras conclusões, que acreditamos serem positivas. Creemos que muitos compositores, artistas e interessados nos Meios de Comunicação Social — especialmente os estudantes secundários e universitários — encontrarão neste livro uma pista muito útil. Compreenderão os esquemas das canções de sucesso, os programas de TV, novelas e inclusive a psicologia da comunicação social. E, também aqueles que lerem este livro saberão — o porquê do sucesso.

L. A. P.

SIEGMUND, Georg: **Fé em Deus e saúde psíquica**, tradução do alemão, pp. 228, 21,5x14 cm, Edições Loyola, 1971.

O livro "Fé em Deus e Saúde Psíquica", de Georg Siegmund, é o 18.º da Coleção de Psicologia, Parapsicologia e Formação, das Edições Loyola.

O autor propõe-se a tese de que o equilíbrio psicológico e, inclusive, a saúde orgânica é incompatível com a descrença e o ateísmo. Parte do conceito de Ésquilo (nosema) que apresenta a loucura como proveniente do desafio que o homem lança a Deus, de forma prometeana, através do progresso, tecnologia e cibernética. Procura justificar filosoficamente seu ponto de vista reduzindo, a excessão de Bergson, todos os grandes filósofos a "adversários". Resume o pensamento da Psicologia do Misticismo (Henri Delacroix, 1908) e busca confirmar que os fenômenos místicos embora fossem considerados anormais não seriam doentios.

O autor opõe-se à Psicanálise Ortodoxa de Freud, devido ao seu naturalismo, uma vez que esta redime o homem de seu "pecado" e de sua "culpa", sem discernir que por trás dêste há uma cisão moralmente má para com o Criador. Assim a psicanálise é apenas um falso Messias que quer perdoar o homem de seus pecados, falando em "complexo de culpa". Quer dar ao homem uma "Libertação" e introduzi-lo na Parusia da Normalidade e da autosuficiência de "Super-Homem" que matou Deus.

O livro possui uma complexidade estonteante de dados, mas muito pouco objetiva. Possui Notas Bibliográficas abundantes sem que conste uma Bibliografia. Por isso, dá a impressão de que falta unidade e sistematização no seu desenvolvimento. É um caleidoscópio de pensamentos radicais com ausência denexo.

É muito original a relação de Fé e saúde psíquica — não obstante ser uma repetição de Delacroix e Bergson — mas atualizada pelo problema do Ateísmo Contemporâneo. Entretanto ao falarmos em saúde psíquica, o mínimo necessário seria uma concepção psicológica. Ora, o autor quer reduzir qualquer método psicoterapêutico e qualquer doença (mesmo orgânica) a uma questão simplesmente de Fé! Parece-nos demasiadamente rígida uma tal posição. Não seria mais feliz o caminho de reconciliação entre a Revelação e a Psicologia? O maior mandamento e único não é o do Amor? Porventura não nos diz a psicologia que a enfermidade é sempre uma carência de amor a si e aos outros? Para isso não se usam os termos rejeição, não-aceitação, complexo, fixação infantil? E, Freud teria sido o único psicólogo, ou o único "filósofo da Psicanálise"? Como compreender o trabalho de Caruso que tão bem relaciona Deus e Psicanálise?

Concluimos deixando ao leitor a última palavra a respeito dêste livro que é imensamente rico em estilo, dados históricos e em sua apresentação geral. Contudo, seu conteúdo deixa a desejar algo mais sólido e com maior seriedade.

L. A. P.

JOLIF, J.-Y.: **Compreender o homem**, tradução de S. T. Mushail — T. Vasconcelos, 21x14 cm, pp. 325, Editora HERDER, São Paulo, 1970.

O homem está atualmente no centro das preocupações das várias ciências naturais e sobrenaturais (reveladas). Todas elas procuram contribuir para uma adequada compreensão do homem em seus vários aspectos e dimensões. E a verdade de uma ciência não destrói a da outra, mas completa-a. A antropologia filosófica por si só não pode dar uma imagem completa do homem mas não pode faltar esse aspecto filosófico. O autor, na primeira parte de seu livro, coloca a antropologia filosófica em face das demais ciências sobre o homem. Na segunda parte, intitulada: Fundamentos da antropologia, esforça-se por descobrir e esclarecer as condições apriorísticas de todas as manifestações humanas. A sua análise crítica descobre cinco categorias fundamentais: totalidade, alteridade, diferenciação, dialética e metafísica. Sobre essas 5 categorias fundamentais tece considerações e tira conclusões. Mas essa obra é apenas uma introdução a uma antropologia filosófica, como diz o segundo título da obra. O autor visa publicar um segundo volume tratando concretamente da antropologia filosófica e mais um estudo sobre o aspecto teológico da antropologia.

C. S.

RIDEAU, Emílio: **Eis a nossa Fé**. Síntese da Fé Católica, tradução do original francês por Antônio Gomes de Mendonça. (Coleção *Mysterium Fidei*, Reflexões bíblico-teológicas), pp. 278, 20x13 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1971.

É um livro que se lê com verdadeiro interesse e agrado. O autor expõe a doutrina da Igreja Católica numa síntese original e atraente, sem cair no vício dos formalismos de manuais escolares ou de tratados de teologia para leigos.

Está dividido em duas partes: I, A Fé Católica; II, Temas e Problemas. Na primeira parte o Autor dá um apanhado das principais verdades (dogmas) do catolicismo. Na segunda parte esclarece alguns problemas conexos com o catolicismo: a incredulidade, o ateísmo, a psicanálise, a ciência em relação com a fé, o valor e a interpretação da Bíblia, os milagres, o mistério do sofrimento, a doutrina social da Igreja, o cristão frente ao mundo, etc.

No problema do transcendente, Rideau parte da experiência que o homem tem de si mesmo e do mundo que o rodeia. O cristianismo não é um dado imediato, mas é ao homem que ele se dirige. É a experiência humana que deve primeiro ser interrogada e convidada a se aprofundar e esclarecer. O homem existe no mundo e na história. Ele faz parte de um "dado", não inventado, mas que se impõe à sua investigação como mundo físico e mundo humano, estabelecendo uma pirâmide no seu conhecimento que tem por vértice a Deus. Para realizar-se, o homem é atraído pelo único Absoluto que pode transformá-lo, acabá-lo e responder à sua infinita aspiração. O autor mostra como os anseios mais íntimos do homem contemporâneo o levam à Revelação.

Os dogmas, a moral e a ascese católica são apresentados numa linguagem acessível ao homem de hoje. Não é uma doutrinação apologética, mas uma exposição serena e objetiva das verdades da Fé sem escapar aos problemas difíceis e melindrosos da doutrina e da vida da Igreja. A leitura deste livro será útil e mesmo recomendável para todas as pessoas que se interessam no estudo da religião católica para chegar a uma vivência mais profunda de Deus.

H. E. W.

DANIÉLOU, Jean: **Haverá religião amanhã?**, tradução do francês por Moisés Fumagalli, S. J. (Coleção *"Mysterium Salutis"*), pp. 198, 20x13,30 cm, Edições Paulinas, S. Paulo, 1971.

O cardeal Jean Daniélou com sua habitual palavra agradável e fecunda apresenta-nos neste livro alguns problemas que agitam as consciências de muitos cristãos face ao progresso tecnológico de nossos dias, procurando dar-lhes uma resposta positiva cheia de otimismo cristão. Daniélou não crê apenas no futuro do cristianismo, mas no futuro da religião, na permanência das formas sociológicas do sagrado. A linha mestra dos temas por ele tratados em forma de conferências é o problema da fé. "Devemos fortalecer a fé em nós mesmos". "Tudo apóia-se na fé e é precisamente ela que está sendo ameaçada". "Esta fé não é somente convicção da inteligência: é transformação de todo o nosso ser. Não é suficiente crer em Jesus Cristo: precisa-se viver em Jesus Cristo".

A fé está hoje seriamente ameaçada não só da parte de fora pelo ambiente ateu que nos rodeia, mas também dentro da própria Igreja por pessimismos e complexos de muitos cristãos. Daniélou denuncia corajosamente o perigo e recrimina impiedosamente a lassidão e o indiferentismo. "O nosso tempo precisa de uma fé sólida e sadia, que assuma como critério de inteligência não a contestação mas a certeza". O livro de Daniélou quer ser o testemunho desta fé.

Escreve o autor na introdução: "Este livro compreende em primeiro lugar dois capítulos, escritos inicialmente como conferências: constituem uma descrição da situação presente. A seguir vêm quatro capítulos que põem os fundamentos da fé diante do mundo de amanhã, no plano de Deus, de Cristo, do homem e da Igreja; finalmente dois capítulos que são um apelo aos sacerdotes e aos leigos". Cremos que a leitura deste livro é útil e benfazeja por combater o medo e o derrotismo religioso de nossos dias.

H. E. W.

SCHILLEBEECKX, Edward: **O Mundo e a Igreja**, tradução do original holandês por José J. Queiroz. (Coleção Revelação e Teologia), pp. 398, 14,5x21 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1971.

Este livro é o terceiro da coleção dos ensaios teológicos do autor, sendo os dois primeiros "Revelação e Teologia" e "Deus e o homem". Dos três livros, "O mundo e a Igreja" é o que se enquadra mais dentro da realidade com a preocupação de solucionar as tão complexas questões que se apresentam no campo sócio-eclesial de hoje.

Como o título sugere, "O mundo e a Igreja" estuda os problemas sócio-eclesiais e procura equacionar a tensão entre a religião e a vida no mundo. O livro é uma compilação de artigos e conferências do autor dentro do período de 20 anos, podendo ser classificados em dois grandes períodos: antes e depois de 1955. Divide-se em quatro grandes capítulos: 1.º — A problemática do após-guerra (1945-1955). 2.º — A nova problemática. 3.º — Os crentes, os outros e o "Umwelt", 4.º — A responsabilidade do intelectual cristão perante o futuro.

Entre outros problemas estudam-se os seguintes: cristianismo e humanismo, cristianismo e progressismo social, cristianismo e comunismo, liberdade de consciência e religião, secularização e laicismo, etc. Edward Schillebeeckx, teólogo de ampla visão, profundamente interessado na problemática da teologia de hoje, sugere em "O Mundo e a Igreja" soluções equilibradas e bem motivadas. O livro destina-se ao clero e aos leigos engajados na vida social e religiosa de nossos dias.

H. E. W.

CICCONE, Lino, C. M.: **L'Enciclica "Humanae Vitae"; Analisi e Orientamenti Pastorali**, pp. 214, 24x17 cm, Edizioni Pastorali, Roma, 1970.

O autor é professor de Teologia Moral no Colégio Alberoni de Piacenza. Colaborador e redator da revista "Divus Thomas", publicou na mesma, em 1969/70, quatro artigos de análise e comentário à "Humanae Vitae". São estes estudos os que agora se reúnem, em forma de livro. Trata-se de um comentário completo, número a número, do texto pontifício, com uma introdução sobre "Teólogos e Encíclica". Em apêndice, a declaração da Conferência Episcopal Italiana sobre a "Humanae Vitae".

A orientação da obra é clara: Pretende-se ajudar a compreender melhor o ensinamento de Paulo VI, com uma posição de total adesão ao mesmo.

O estudo é sério e bem documentado. Nas referências bibliográficas em espanhol, notamos alguns erros ("nuova" por "nueva"), p. 57, nota 88; "exigentias" por "exigencias", p. 114, nota 154).

L. G. Q.

CÂMARA, Helder: **Para llegar a tiempo**; tradução de J. Sans Vila y M. T. San Martín (Séptimo Sello, 2), pp. 152, 20x10 cm, Sígueme, Salamanca, 1970.

A conhecida editôra espanhola Sígueme traduziu do francês esta breve coletânea de discursos e escritos de circunstâncias de Dom Helder Câmara. "Há nestas páginas — como diz o autor na apresentação — umas quantas idéias constantes". Entre elas, destacam-se as seguintes: o abismo, cada dia maior, entre "os países da abundância e os países da miséria"; a interpelação aos ricos e a "não violência", entendida como pressão legítima e democrática; a necessidade de ajudar às massas a tornar-se um povo, conseguindo um nível de vida humana; a injustiça, a escala mundial, a distorção crescente dos preços no comércio internacional e o consequente perigo para a paz mundial; a urgência da união de todos os homens de boa vontade para alcançar o desenvolvimento integral do homem, baseado na justiça e na paz; a fé inabalável na força da justiça e do amor.

As idéias não são novas. As encíclicas dos últimos Papas consagram-nas. O Concílio Vaticano II recolheu-as na Constituição sobre a Igreja no mundo. Porém, na boca de Dom Helder adquirem nova vida. O Arcebispo de Olinda — Recife, apóia suas afirmações na própria experiência ("Se vissem o que vêem meus olhos, se estivessem presentes ao que cada dia passa em meu redor, compreenderiam minha veemência"), numa ampla informação da situação mundial ("Todo o mundo ficou pasmado quando Paul Prebisch demonstrou que nos últimos dez anos a América Latina tinha entregue ao mundo desenvolvido treze bilhões de dólares") e numa profunda e cordial identificação com a revelação judeo-cristã ("Que diriam Amos, Isaías, Jeremias se vivessem hoje na África, na Ásia ou na América Latina? Que diria Cristo se vos falasse esta manhã?")

O estilo de Dom Helder é vivo, incisivo. Mas não se encontrará neste livro uma só página que revele ódio ou rancor. "Quem sou eu? — pergunta-se na apresentação —, um ingênuo, um presuntuoso, um agitador? Meu único juiz, Cristo, o sabe". O leitor brasileiro, que tão controvertidamente tem ouvido falar de Dom Helder Câmara, conhece-lo-á melhor, se, deixando de lado o que dêle dizem seus inimigos, os seus panegiristas, lessem, sem preconceito, as próprias palavras do Arcebispo de Olinda — Recife.

Desejaríamos ver em breve este livro em Português. No entanto, o leitor brasileiro terá fácil acesso à edição espanhola, de agradável apresentação tipográfica.

L. G. Q.

ANDRÉ, M. J. **Recusa e aceitação do outro**, tradução de J. M. Carvalho, pp. 180, 18x12, Edições Paulinas, São Paulo, 1970.

Edições Paulinas apresentam ao público brasileiro a tradução do livro "Refus et acceptation d'autrui", da autoria de M. J. André.

"Recusa e aceitação do outro" é um modo mais concreto de apresentar o amor humano e cristão.

O homem no seu dever, na sua resposta concreta ao apêlo de seus semelhantes deve contar com sua natural evolução, passando pelas diversas etapas de sua vida: infância, juventude e velhice. Neste avançar pelas diversas fases da vida, fatores há que em lugar de favorecer a aceitação do outro a obstaculizam, como seja a diversidade de temperamento, o egoísmo, a desigualdade nas posses (ricos e pobres), desigualdade no poder (fortes e fracos) e isto torna a uns felizes e outros infelizes.

A recusa do outro por diversos fatores leva o homem, ser social e feito para o amor, a amar os animais.

Apesar de todas as desigualdades nesta aceitação e recusa o homem só se realiza com o auxílio do outro. Não se trata apenas de caminhar paralelamente, um ao lado do outro, mas o homem deve encontrar-se com o outro, o que possibilita descobrir-se a si mesmo, tarefa difícil de realizar.

Na medida em que o homem encontra o outro vai encontrando valores dignos de aprêço, pois cada personalidade é única, incomunicável, misteriosa, da qual nos devemos aproximar com respeito e discrição.

Na descoberta do outro e de si o homem se descobre com sua realidade, tira as máscaras, descobre sua autenticidade.

Esta descoberta, encontro e aceitação do outro pode se dar no amor conjugal, no amor filial ou no amor de amizade. Mas como todo amor e encontro humano é passageiro, limitado, efêmero só a abertura e aceitação do Amor Absoluto realiza o homem na sua totalidade. Esse amor não exclui o amor do outro e ao outro, mas os integra, para a realização total dos homens, segundo a oração de Cristo "que todos sejam um" (Jo 17, 21).

O livro "Recusa e aceitação do outro" numa exposição simples e clara, ao alcance de todos, contém ricos e belos pensamentos de reflexão humana e de espiritualidade, que podem ajudar para o crescimento da pessoa, sua integração e realização humano-divina.

I. S.

GALOT, J., Fé e Doação, tradução de Antônio Alves de Melo, pp. 127, 18x12 cm, Edições Paulinas. São Paulo, 1969.

"Fé e doação" é uma contribuição de J. Galot, para a renovação da vida consagrada. Num mundo cada dia mais afeto aos dados da técnica, do mensurável, do empírico, a realidade da fé, máxime na vida religiosa, das "realidades invisíveis" passa por crise.

O autor nos apresenta, nesta obra, a realidade da fé, nos seus diversos aspectos, dentro da vida consagrada. Como primeira colocação põe a fé na própria relação com Deus, da qual o mundo ouve a negação, no grito levantado da "morte de Deus".

A profissão da vida religiosa, na fé, comporta um risco, pois seu engajamento é feito "sem saber de antemão quais serão as exigências concretas desse amor" e entrega a Deus.

Em seguida o autor estuda e reflete sobre a relação da fé com os três conselhos evangélicos, vida de caridade comunitária e no seu engajamento no mundo.

"Fé e doação" nos oferece uma visão sólida e segura, rica de conteúdo espiritual, para uma superação serena das grandes crises pelas quais passa a fé na vida religiosa.

I. S.

DILLENCHNEIDER, Clement: O dinamismo de nossa fé. Encontro pessoal do fiel com o Cristo e sua Igreja, tradução de F. José Sobreira, (Coleção "Temas de Espiritualidade"), pp. 152, 18x12,5 cm, Edições Paulinas, S. Paulo, 1970.

O conhecido autor propõe, em 14 breves capítulos, reflexões que apresentam, de modo sucinto, um encaminhamento para a vivência da fé. São reflexões que oferecem, de forma tradicional, amplo material de meditação. O melhor do livrinho está na sua fundamentação na Sagrada Escritura e na acentuação da luz interior que acompanha o homem e nele realiza o seu encontro com Deus.

O. M.

GIBSON, Arthur: *La fe del ateo*, tradução de G. Gil — E. Gallejones (Coleção "Teología y Mundo Actual" — 23), pp. 242, 21,5x16 cm, Editorial "Sal Terrae", 1971.

Este livro constitui um esforço muito inteligente e original de tomar a sério as dificuldades que pensadores dos últimos tempos opuseram à fé em Deus e ao modo tradicional de apresentá-la. Original é particularmente a maneira muito pessoal e profunda com que o autor examina as afirmações dos pensadores ateístas no que elas contêm de positivo. Nisso o autor se revela como filósofo e teólogo profundo, capaz de orientar com segurança a renovação da teologia católica na altura do momento histórico em que vivemos.

O autor propõe o pensamento de expoentes do ateísmo moderno sobre a fé na liberdade (Jean-Paul Sartre), a fé no sexo (Henry Miller), a fé na morte (Albert Camus), a fé na matéria (marxistas), a fé na finitude (Friedrich Nietzsche) e a fé no tempo (Samuel Alexander), terminando com um último capítulo sobre a fé em Deus, onde esboça perspectivas interessantes e originais para a teologia católica atual. Nos seus estudos o autor destaca com muita felicidade os valores positivos que se encontram nos esforços destes pensadores, indicando ao mesmo tempo sua utilização para a nossa teologia. Parecem particularmente originais e válidas as reflexões do autor sobre o sexo e sobre a matéria.

O livro se destina a leitores habituados à reflexão filosófica e é um convite honesto e sincero para o diálogo com os ateus, para a procura em comum do sentido pleno e plenamente consciente da vida humana. Diz o autor: "Confio que o ateu honesto admitirá a fé em Deus como legítima alternativa para as intuições ateas que procurei examinar ao longo destas páginas... A tarefa comum de todos os homens de boa vontade é a de construir o futuro e a esse futuro não se devem prefixar limites. Por isso espero que a apresentação final do teísmo há de incorporar as intuições do ateísmo moderno de tal maneira que o resultado final seja uma visão comum. Repetiu-se com frequência, nos últimos tempos, que o único teísmo que realmente tem esperança de sobreviver e de exercer influência no mundo será aquele que incorporar de alguma maneira o ateísmo; e R. Garaudy afirma que o ateísmo marxista tem que ter em conta o fenômeno da religião e da fé religiosa... O que nosso mundo necessita não são mais e mais palavras, sutis e mais sutis inquisições. O que êle necessita é que escutemos mais e mais uns aos outros... Quem sabe se não chegaremos a encontrar algumas linhas comuns de pensamento que convergem para um centro sobre o qual estamos de acordo. Este centro talvez não seja Deus, mas pode bem ser o homem entendido mais completa, mais rica e mais profundamente, isso sem dúvida já seria muito..." (pp. 23/24).

As reflexões que Arthur Gibson nos propõe neste livro suscitam uma grande esperança neste autor aberto, honesto, profundo e original — a teologia em renovação poderá receber dêle um grande contributo.

O. M.

Los Cristianos en las revoluciones técnicas y sociales de nuestro tiempo. Documentos de la conferencia mundial sobre Iglesia y Sociedad. (Genebra, 12-26, julio, 1966). Tradução do inglês por Hiber Conteris e Constantino Ruiz-Garrido. Coleção "Mundo Nuevo" 2., pp. 317, 13x19 cm, Editorial "Sal Terrae", Santander, 1971.

Dizem os editores, na apresentação da edição espanhola: "A presente obra... é um valioso documento redigido pelo Conselho Mundial das Igrejas, como resultado dos trabalhos de sua reunião sobre o tema

"Igreja e Sociedade" na Conferência Mundial realizada em Genebra no ano de 1966". Um pouco adiante: O documento "é uma réplica paralela à Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II *Gaudium et Spes*".

O volume consta substancialmente: I. dos relatórios das diversas seções da Conferência em que se dividiram os 420 participantes provin- dos de 80 países e 164 Igrejas e compostos, em sua maioria, de especia- listas leigos, sendo os restantes, teólogos e dirigentes eclesiásticos; II. dos relatórios dos Grupos de Trabalho.

Os relatórios das 4 seções são sobre: 1. O desenvolvimento econô- mico numa perspectiva mundial; 2. A natureza e função do Estado numa época revolucionária; 3. Estruturas da cooperação internacional. A con- vivência pacífica numa sociedade mundial pluralista; 4. O homem e a comunidade nas estruturas em transformação.

Os relatórios dos 3 grupos de trabalho são: 1. Possibilidades na atual revolução tecnológica e científica; 2. Problemas teológicos da ética so- cial; 3. A ação da Igreja na Sociedade.

Tudo vem precedido de uma "Mensagem da Conferência": Diante da complexidade dos problemas (desenvolvimento, progresso técnico, relações internacionais, paz, função dos Estados...) "não é fácil chegar a uma interpretação unânime", nem "à maneira de lhes dar solução... Descobrimos, porém que o diálogo entre os que representam diferentes posições é possível, e que este tipo de discussão põe à vista as limitações de nosso pensamento e nos incita a uma maior fidelidade..."

Em suma, o livro apresenta estudos muito sérios e perspectivas de práxis muito vigorosas que manifestam a inquietação de homens perante o "juízo de Deus sobre a Igreja de Cristo" que, se de muitas formas sempre conseguiu formar alguns homens e mulheres engajadas em favor da justiça na sociedade, mais do que nunca os deve formar hoje quando a dominação e a exploração se estruturaram de tal maneira que exigem um engajamento radical na Libertação do homem, pois "está em jogo a estabilidade mesma do mundo" (p. 315).

B. B.

MENDONÇA, Carmen: *Catecismo Existencial. Mensagem de Cristo às crianças de hoje*, pp. 358, 21x13 cm, Vozes, Petrópolis, 1971.

Felizmente está aumentando entre nós não só o número e a diversidade de experiências no campo da Catequese, como também a tematização das experiências e a publicação de reflexões e pesquisas e a tentativa de orientações e subsídios que sirvam de pontos de comparação e referência aos que se dedicam ao trabalho da evangelização em todos os meios e idades. Temos conhecimento de muitos catequistas que avidamente procuram estudar o que se publica, o estudam em suas equipes de trabalho e procuram se enriquecer e aperfeiçoar na missão a que se consagraram.

Carmen Mendonça nos dá para este aperfeiçoamento o seu Catecismo Existencial. Consta de 88 "Conversas" que não pretendem ser um compêndio de religião, mas uma conversa com os netos para os fazer participar da fé e do amor a Deus de que a autora se sente imbuída. Essas conversas são oferecidas aos pais que poderão ampliá-las, ou complementá-las, segundo a capacidade de cada criança. É o que a própria autora diz na Introdução.

A estrutura do livro é a seguinte: Inicia com quatro noções fundamentais de Deus: Deus é amor, Deus é mistério, Deus é palavra, Deus é ação. Sobre essas quatro noções se embasam progressivamente todas as "conversas", que explicam às crianças toda a mensagem cristã, a fé,

a redenção, realizada historicamente em Cristo e sacramentalmente na Igreja, os sacramentos, a vida cristã, o comportamento moral, a oração... Cada conversa é seguida de um canto cujo texto repete as idéias e sentimentos mais importantes do tema. As melodias são as de Chico Buarque (A Banda), ou A Praça, ou outras. No fim do livro estão tôdas essas melodias. Acompanham o texto também muitas ilustrações, que são da autoria do filho de Carmen, Mário. Há igualmente, no decorrer das conversas e no fim do livro, sugestões e esclarecimentos para os pais e catequistas.

O que faz o encanto do livro de Carmen Mendonça é não somente o rico conteúdo, mas também o otimismo que inspira, a unção, a simplicidade com que explica às mentes infantis palavras tão difíceis como mistério, Verbo, revelação, inspiração e tantas outras. É aqui, parecidos, que está a contribuição mais valiosa da autora para a Catequese: o encanto da simplicidade que por vezes chega a ser sublime. Tudo é pôsto tão dentro da vida da criança, dentro da sua realidade familiar, escolar, seu mundo de interesse e de conhecimentos, que o Catecismo é de fato Existencial. Diz Dom Clemente Isnard, que apresenta o livro, que "iniciativas como a de Carmen Mendonça são... sumamente proveitosas para o progresso da catequese entre nós... Foi o amor que fez Carmen Mendonça descobrir as palavras justas" (pp. 5s).

Só podemos desejar que o livro seja conhecido, estudado em toda a parte. Pois constitui um precioso auxiliar, um excelente modelo mesmo, que poderá despertar muita criatividade nos pais e nos catequistas.

B. B.

CEPAC, Nova Iguaçu: Encontramos o Senhor. Formação de Catequistas, pp. 103. 21x13 cm, Vozes, Petrópolis, 1971.

Sempre mais se tornam conhecidos os esforços que o Centro de Pastoral Catequética, de Nova Iguaçu (RJ), vem desenvolvendo em favor da evangelização da grande cidade satélite do Rio de Janeiro. Quando se conhece uma cidade como Nova Iguaçu, onde as imensas massas humanas se deslocam cada dia ao trabalho nas indústrias, onde tudo gira em massa ao redor do econômico, numa pobreza que não consegue se libertar, numa exploração, talvez, que continua a escravizar o homem de hoje, numa angústia anônima que não consegue levantar a voz, onde parece que o Mal conseguiu roubar ao homem todo momento de tranqüilidade, de encontro, de felicidade, de amor, e onde são contestadas quase tôdas as escalas de valores que antes balizavam o agir e o pensar de muitos homens e mulheres provindos de outras culturas que não as urbanas técnicas e secularizadas... num tal mundo os que encontraram o Senhor se deverão colocar com seriedade a pergunta: como amar o homem de hoje?, como servir hoje?, como se engajar na Libertação do homem? São as perguntas que se colocam os homens que aceitaram de ser uma presença de Cristo no nosso mundo, e que querem levar a Encarnação de Jesus à Humanidade de hoje. Em Cristo está a Salvação. Ele foi ao encontro do homem, e penetrou com sua força libertadora até o interior do coração humano, onde está a fonte de todo o bem ou de todo o mal. Cristo procurou transformar o coração humano, para que esse coração fôsse a matriz da felicidade, do amor, da justiça e da honestidade.

Com a finalidade de pôr o homem de hoje em contato com esse Cristo Libertador, o CEPAC nos oferece mais um subsídio no livro que apresentamos. Após um capítulo introdutório de Frei Almir R. Guimarães sobre o desenvolvimento da Catequese na Igreja, seguem duas partes. Na primeira das quais se apresenta sucintamente o conteúdo da mensagem de Cristo (Antropologia, História da Salvação, Cristo Servi-

dor, Pregador e Unificador, a Igreja, a Comunidade cristã local, os Sacramentos como sinais da presença de Cristo na Comunidade); na segunda parte se dão orientações didáticas (Dinâmica de grupo, psicologia das idades, pedagogia catequética, o plano de aula, material didático e atividades).

Tudo é baseado na experiência de vários anos do CEPAC e é apresentado como roteiro para cursos de formação de catequistas. O livrinho é pequeno, mas de muita riqueza, com ótima apresentação gráfica, e merece ser conhecido e utilizado para a formação de agentes pastorais.

B. B.

LATOURELLE, R.: **Teologia, ciência da salvação**, tradução dos Monjes Beneditinos (Coleção "Revelação e Teologia"), pp. 313, 14,5x21 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1971.

É um curso de introdução à teologia, expondo a natureza, o método e a divisão da ciência teológica. Exposição clara, abundante, coerente e exata, impregnada de um dinamismo literário que torna a leitura atraente. Termina a obra com dois capítulos especialmente valiosos: "A teologia e a vida interior" e "Orientações atuais da teologia".

Por tudo isso a obra é de grande valor atual. Não quer isso dizer que é a última palavra em assunto de introdução à teologia. O próprio autor dá a entender isso ao dizer que essa ciência está em evolução, a procura, talvez, de uma unidade ainda maior.

C. S.

DIVERSOS: **Jesus**, tradução de N. Ponte de Azevedo, (Coleção "Oração e Ação" — 4), pp. 133, 11x19 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1971.

Não é um tratado sistemático sobre Cristo, mas a manifestação de uma vivência pessoal dos autores sobre a pessoa de Cristo, mais sobre o aspecto ascético e místico que dogmático. Lêem-se com satisfação êsses capítulos impregnados de entusiasmo pela pessoa adorável de Cristo. Os artigos de René Voillaume são certamente os melhores. Uma obra dessa natureza dificilmente evitará o inconveniente da falta de unidade e da repetição. O primeiro artigo que serve de introdução faz afirmações sobre nossa identificação com Cristo para as quais teria sido conveniente dar alguma justificativa; por exemplo, quando à p. 8 diz: "Jesus é o nosso trabalho. Também a nossa morte ela é Jesus. Até mesmo o nosso pecado é Jesus". Em que sentido se faz essa identificação? Mas essas pequenas falhas não tiram à obra o seu valor.

C. S.

ARNS, Paulo Evaristo: **De Esperança em Esperança na sociedade de hoje**, pp. 218, 20x13 cm, Edições Paulinas, 1971.

Consultando a lista de títulos de Livros publicados pelo autor surpreende-nos que seu número se eleve a dez sem contar a tradução de cinco livros. E está aqui mais este que surgiu na "hora em que alguns amigos e colaboradores nos pediam para promovermos um encontro semanal entre os homens dispostos a comunicar suas esperanças ao mundo de hoje" (p. 5). E a esperança, cujo íntimo é a fé e a confiança

traduz-se num estado de tensão e expectativa, alimentada pela promessa divina. Se pois os pagãos e os ateus do século XX, segundo São Paulo, são definidos, como sendo aqueles que não têm esperança (cf. 1 Tess 4,13; Ef 2,12) então o cristão não é apenas aquele que tem esperança, mas também aquele que, quando perguntado, deve dar as razões de sua esperança (cf. 1 Pedr 3, 15). É o que pretendem, pelo menos em parte, as páginas deste livro, cuja leitura é amena. E o leitor desacomumado a seguir os meandros difíceis de um teólogo, preocupado em fazer ciência, encontrará nestas páginas uma ótima introdução para futuras leituras.

D. Evaristo Arns, preocupado com a mensagem de esperança deixou de parte — talvez propositadamente — a preocupação de apoiar suas reflexões na autoridade de outros autores. Por isso só se encontra uma nota, ao pé da página 9 em que é citado o verbete *Hoffnung de Sacramentum Mundi*. Por isso mesmo seria de utilidade para o leitor sequioso de mais leituras, encontrar pelo menos uma bibliografia orientadora em torno do tema, o que falta completamente.

Por tudo quanto foi dito não deixamos de recomendar a leitura destas reflexões que, em nenhum momento, estão desligadas do contexto da civilização moderna onde a reconciliação dos homens entre si e com a técnica, onde o trabalho, as comunicações sociais, etc. são a Seara da esperança onde todos podem ser apóstolos: a mãe o pai, os jovens...

G. E. W.

BEA, Agostinho: *Servir*. Idéia vital do Concílio; seus fundamentos bíblicos, tradução de J. J. Queiroz (Coleção "Revelação e Teologia" — 19), pp. 188, 21x15 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1971.

"Embora o título não revele — escreve o próprio Card. Bea — este estudo tem por objetivo um tema que o autor procurou aprofundar de pontos de vista diferentes, em várias obras precedentes: **A unidade na liberdade; Reflexões sobre a família humana; A Igreja e a humanidade; A palavra de Deus e a humanidade**. Por isso, as páginas que seguem procuram delinear uma atitude, tão calorosamente saudada na definição que João XXIII procurava dar do primado do Papa: "Serviço". E o Vaticano II, procurou inculcar nos cristãos a consciência do dever de servir. E quais as razões que indica? Concentra-se especialmente na pessoa e vida de Cristo "Servo" do Senhor. "Com isso aponta ao mesmo tempo o caráter específico do "serviço" que o cristão desempenha por seus irmãos e pela humanidade puramente natural" (p. 16). Após a exposição da idéia do serviço nos documentos conciliares A. Bea passa a analisar a hierarquia eclesiástica como serviço (pp. 21-48). O serviço de todo o povo de Deus insistindo particularmente no serviço dos leigos na Igreja, na Ordem temporal, etc. Sem esquecer o serviço dos religiosos. No capítulo quarto apresenta o modelo: Cristo; "Servo do Senhor". Tendo diante de nós o modelo podemos perguntar-nos "que significa servir a Deus" (?) e "com que espírito servir aos homens?" (pp. 109-186).

E conclui com um epílogo sobre o reino de Deus. Este estudo é especialmente escriturístico, o que não podia ser diferente, uma vez que A. Bea foi um exegeta de renome e diretor por vários anos, — do Instituto Bíblico de Roma. E por ser um estudo não é de uma leitura fácil, o que não impede que apareçam nestas páginas densas, as manifestações de vivência do serviço a Deus e a Igreja.

G. E. W.

MOUNIER, Emmanuel: O Compromisso da Fé, textos escolhidos e apresentados por Paulette E. Mounier, tradução de Frei Eliseu Lopes, O. P., pp. 209, 21x14,5 cm, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1971.

Trata-se de uma coletânea de textos seletos da obra do grande filósofo francês, mestre do personalismo comunitário. Os textos, apresentados em ordem cronológica, tentam revelar a atitude vivida por um cristão que se situa, com todo seu ser, não em face de, mas em e a serviço do mundo, da Igreja e de Deus. Boa tradução de Frei E. Lopes. No final, há um índice dos principais temas.

M. M. L.

LAPLACE, Jean: O padre à procura de si mesmo, tradução de Maria da C. C. Pinto, pp. 242, 14x21 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1971.

O autor destas páginas tem mais de vinte anos de experiência no ministério de retiros exercido junto aos padres da França e outras nações. Retiros os mais variados. Retiros de quatro a trinta dias. Em suma, estas páginas nasceram do contato pessoal, não de uma pesquisa bibliográfica, ou da análise de inquéritos. E constata: "Creio que há uma crise no sacerdócio. Chego mesmo a afirmar que é grave, que é uma crise de fé. Convém, no entanto, situá-la. A crise do sacerdote não é diversa da crise do homem moderno, da crise de toda a Igreja diante do mundo. É um modo peculiar de viver a crise que arrasta nossa época". Mas para fazer frente a esse hoje que muda e cujo amanhã é imprevisível é preciso ajudar o padre a restabelecer, a partir do que é, sua unidade interior que se desfaz, unidade essa que só se pode recompor através duma incessante conversão do homem a si mesmo, na aceitação do que ele é, do tempo em que vive e na plenitude de sua fé. Dupla conversão ao humano, à graça, na unidade de um ser humano. Estes são os objetivos do livro. Mesmo assim o autor constata no final de seu livro: "Eu queria escrever um livro sobre o padre. Vejo que escrevi um livro em que se trata muito mais do homem e do cristão do que do padre" (p. 235). Quería servir-me desta observação do autor para recomendar a leitura deste livro não só aos sacerdotes, mas também aos religiosos e religiosas — e por que não aos leigos? — estas páginas cheias de calor humano que falam com amor dos problemas que no fundo todos os batizados atravessam.

G. E. W.

RANWEZ, Pierre: Como falar de Deus a meu filho (iniciação à vida Cristã), tradução de Benno Brod S. J., pp. 106, 14x21 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1971.

É tão freqüente encontrar pais que se angustiam com respeito à formação religiosa que julgam dever dar a seus filhos; e estes ainda continuam perguntando em sua angústia: quando e como falar de Deus, de Nossa Senhora, da eucaristia, da morte, do céu, etc.? Neste sentido o livro de RANWEZ é maravilhoso em sua simplicidade pedagógica e, ao mesmo tempo, em sua profundidade teológica... O autor dirige-se

imediatamente aos pais e formadores de pais. Mostra aos pais como podem abrir possibilidades aos filhos, desde os primeiros anos de vida, possibilidades que se orientam para uma futura vida de fé e esperança cristãs.

Fé e esperança cristãs são essencialmente um diálogo, uma comunicação, um relacionamento interpessoal entre o homem e Deus. Para a criança poder um dia chegar a esta comunicação, deve se lhe possibilitar a aprendizagem da comunicação e do interrelacionamento com as pessoas com as quais iniciará toda sua vida de comunicação: a família em que nasce. Quais então os comportamentos e as atitudes dos pais para favorecer a experiência da comunicação entre eles e seu filho? Qual a atmosfera que deve envolver desde logo a criança para que desabroche normalmente para a comunicação que um dia será amor? As realidades familiares são realidades "sacramentais": desde a experiência de perdão, de confiança, de participação que se viverão em casa, a criança participará do perdão de Deus, da participação na "mesa" de Deus. De maneira que o sacramento do perdão, por exemplo, se viverá desde as primeiras experiências de perdão que a criança fizer com os pais. E o mesmo vale para todas as demais realidades cristãs: a comunidade eclesial, a abertura ao Espírito de Deus, a Eucaristia, etc., etc.

É um livro muito simples e por isso mesmo encantador que Ranwez apresenta aos pais cristãos. Ajuda-os a fazer seus filhos entrar de tal maneira na vida que a comunicação simples e adulta com Deus não seja, por uma educação mal feita, estorvada e quase impossível.

Finalmente não nos podemos furtar a uma observação. Lamentamos que não conste em parte alguma do livro que ele não é apenas uma tradução da edição belga: "L'aube de la vie chrétienne", mas que o autor RANWEZ lhe acrescentou para a edição brasileira os capítulos I e II (que são novos) e refundiu o capítulo XI (referimo-nos à enumeração dos capítulos da presente edição). Fazemos votos que esta observação final possa constar nas próximas edições brasileiras que o livro tiver.

G. E. W.

RATZINGER, Joseph: **Fé e futuro**, tradução de Frei Honório Rito, O. F. M., pp. 78, 18x12,5 cm, Editôra Vozes, Petrópolis, RJ, 1971.

O livro reproduz cinco conferências sobre "fé-futuro" pronunciadas pelo autor em 1969-1970 (p. 5).

Ninguém pode negar as dificuldades pelas quais passam os cristãos em manter sua fé no mundo de hoje. Os próprios crentes "se perguntam se a fé cristã ainda tem futuro ou se ela não estaria, de fato sempre mais claramente superada pela evolução intelectual" (p. 10), acentuadamente positivista, e pelo futuro intramundano.

As reflexões do autor levam o leitor cristão a não fechar os olhos ante às reais dificuldades com as quais se defronta a sua fé. Entre outras dificuldades podem ser mencionadas as que surgem a partir de um pensamento científico positivo, os quais parecem negar conteúdos da fé: dificuldades a partir do pensamento pluralista filosófico de hoje, fortemente influenciado pelo positivismo, que, privando a fé de sua racionalidade, a tornam praticamente irrealizável; dificuldades a partir do homem moderno, que planeja e realiza o seu futuro intraterreno, esquecendo a relação deste futuro com o escatológico e querendo salvar a si e a humanidade unicamente com suas forças humanas; dificuldades a

partir de dentro da própria revelação, da história da igreja, da fé, muitas vezes reduzida a um sistema de conhecimentos, de sentenças, que em sua forma e em seu conteúdo podem tornar-se um peso para quem quer crer.

O autor através das cinco conferências procura mostrar **o que não é a fé** (concepções errôneas); tenta descrever **o que é a fé**, não tanto a partir de definições, mas a partir de homens que viveram a fé, como por exemplo Abraão; apresenta a fé em relação a Cristo, à comunidade cristã, ao futuro intraterreno e escatológico.

As reflexões do autor podem ajudar ao cristão a purificar a sua concepção sobre a fé e a vivê-la no mundo de hoje e de amanhã. Uma fé sincera e verdadeira não fecha nem o homem nem o mundo sobre si, não aliena o homem da realidade intraterrena, mas lhe dá a verdadeira dimensão da existência: abre-o, individual e coletivamente, ao interrelacionamento pessoal, em Cristo, com Deus, iniciado nesta vida e plenificado na eternidade. Desta forma a fé, apesar das dificuldades, que sempre surgirão, não só tem sentido hoje e no futuro, mas é a única atitude que pode levar os homens à sua plenitude, contanto que a própria fé e a igreja da fé permaneçam fiéis a si mesmas.

C. L. B.